

UNIVERSIDADE FEDERAL DE SÃO CARLOS
CENTRO DE EDUCAÇÃO E CIÊNCIAS HUMANAS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO ESPECIAL

“PROGRAMA EDUCATIVO
SOBRE O DESENVOLVIMENTO INFANTIL
PARA MÃES SOCIAIS”

RENATA REIS MUNHOZ PEREZ

SÃO CARLOS - SP

2003

**UNIVERSIDADE FEDERAL DE SÃO CARLOS
CENTRO DE EDUCAÇÃO E CIÊNCIAS HUMANAS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO ESPECIAL**

**“PROGRAMA EDUCATIVO
SOBRE O DESENVOLVIMENTO INFANTIL
PARA MÃES SOCIAIS”**

Renata Reis Munhoz Perez

Orientação: Profa. Dra. Maria Luisa Guillaumon Emmel

Dissertação de Mestrado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Educação Especial do Centro de Educação e Ciências Humanas da Universidade Federal de São Carlos, como requisito para a obtenção do título de Mestre em Educação Especial.

SÃO CARLOS – SP

2003

**Ficha catalográfica elaborada pelo DePT da
Biblioteca Comunitária da UFSCar**

P438pe

Perez, Renata Reis Munhoz.

Programa educativo sobre o desenvolvimento infantil
para mães sociais / Renata Reis Munhoz Perez. -- São
Carlos : UFSCar, 2003.
125 p.

Dissertação (Mestrado) -- Universidade Federal de São
Carlos, 2003.

1. Métodos de ensino e prática. 2. Mães sociais. 3.
Prevenção de deficiência. 4. Desenvolvimento infantil. I.
Título.

CDD: 371.956 (20^a)

Aos meus pais, minha
gratidão e reconhecimento por
tudo o que fizeram e continuam a
fazer por mim.

ÍNDICE

INTRODUÇÃO.....	01
I - Desenvolvimento infantil.....	01
II – Fatores de risco e Prevenção.....	05
III – Mães Sociais.....	12
OBJETIVO.....	16
MÉTODO.....	17
1. Participantes.....	17
2. Local.....	19
3. Material e equipamentos.....	21
4. Procedimento de coleta dos dados.....	22
RESULTADOS.....	28
DISCUSSÃO.....	77
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	83
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....	84
BIBLIOGRAFIA.....	87
ANEXO 1.....	89
ANEXO 2.....	91
ANEXO 3.....	92
ANEXO 4.....	94
ANEXO 5.....	95
ANEXO 6.....	97
ANEXO 7.....	122
ANEXO 8.....	124

RESUMO

Este trabalho teve por objetivos desenvolver, aplicar e avaliar um programa educativo sobre o desenvolvimento infantil, de 0 a 2 anos, para mães sociais do berçário do orfanato. Participaram desta pesquisa três mães sociais que trabalham com crianças de 0 a 2 anos. Para a concretização do objetivo proposto, o trabalho foi dividido em nove etapas. Na primeira etapa, foi feita uma observação da rotina de atuação das mães sociais nas atividades de banho e troca de roupa, hora de alimentação e atividades lúdicas, servindo como base para o desenvolvimento do programa. Na segunda etapa, foi aplicado o questionário 1 (pré-teste). Na terceira, foi implementado um programa com a elaboração e aplicação das quatro primeiras aulas, com a duração de um mês. Na quarta etapa, foi aplicado novamente o questionário 1 (pós-teste). Na quinta etapa, foi aplicado o questionário 2 (pré-teste). Na sexta etapa, foram aplicadas as quatro últimas aulas do programa, com a duração de um mês. Na sétima etapa, foi realizada novamente a aplicação do questionário 2 (pós-teste). Na oitava etapa foram realizadas novas filmagens das mães com as crianças ao final do curso. Logo após, foi realizada a nona etapa (*Follow-up*) que consistiu na avaliação do programa durante os três meses após o término das intervenções. Os resultados mostraram que as mães sociais não obedecem a nenhum padrão de desempenho com relação à observação das crianças. O que o trabalho mostrou foram diferenças individuais na forma de lidar com as crianças nas situações de rotina. Além disso, faltam informações relevantes para as mães sociais acerca do desenvolvimento em geral das crianças nessa fase, e a importância da proximidade delas nos primeiros anos de vida do bebê. Finalmente, a implementação do Programa mostrou ser necessário e importante para minimizar tais problemas. Houve mudança no grau de conhecimento das mães sobre o desenvolvimento infantil e nas interações com as crianças, e isto pode influir num vínculo maior entre mãe-criança.

ABSTRACT

This work had for objectives to develop, to apply and to evaluate an educational program on the infantile development, from 0 to 2 years, for social mothers of the nursery of the orphanage. They announced of this research three social mothers that work with children from 0 to 2 years. For the materialization of the proposed objective, the work was divided in nine stages. In the first stage, it was made an observation of the routine of the social mothers' performance in the bath activities and change of clothes, hour of feeding and activities of play, serving as base for the development of the program. In the second stage, the questionnaire 1 was applied (pré-test). In the third, a program was implemented with the elaboration and application of the first four classes, with the duration of one month. In the fourth stage, it was applied the questionnaire 1 again (powder-test). In the fifth stage, the questionnaire 2 was applied (pré-test). In the sixth stage, they were applied the last four classes of the program, with the duration of one month. In the seventh stage, it was accomplished the application of the questionnaire 2 again (powder-test). In the eighth stage the mothers' new filmings were accomplished with the children at the end of the course. Therefore after, the ninth stage was accomplished (Follow-up) that consisted in the evaluation of the program during the three months after the end of the interventions. The results showed that the social mothers don't obey her/it any acting pattern with relationship the children's observation. The one that the work showed was individual differences in the form of working with the children in the routine situations. Besides, they lack important information for the social mothers concerning the development in general of the children in that phase, and the importance of their proximity in the first years of the baby's life. Finally, the studiousness of the program showed to be necessary and important to minimize such problems. There was change in the degree of the mothers' knowledge on the infantile development and in the interactions with the children, and this can influence on a larger entail among mother-child.

INTRODUÇÃO

I - Desenvolvimento Infantil

Desde o nascimento, o bebê apresenta grande potencial a ser desenvolvido, que vai depender tanto da maturação orgânica como do meio em que ele vive.

Através das experiências adquiridas no decorrer da vida, o homem complementa seu desenvolvimento neurológico determinado pelos padrões genéticos. Portanto, os estímulos ambientais constituem-se fontes inesgotáveis de desenvolvimento potencial para o indivíduo, em suas mais diversas experiências, proporcionando-lhe um desenvolvimento completo. (Oliveira, 1979; Flehmig, 1987; Samarão Brandão, 1992; Thiessen & Beal, 1995).

Gesell e Amatruda (2000), afirmam que o “comportamento é um termo conveniente para todos os tipos de reações da criança, sejam elas reflexas, voluntárias, espontâneas ou aprendidas” (p.3). O comportamento do ser humano evolui juntamente com o seu desenvolvimento, e não se origina apenas do indivíduo, ou seja, alguma coisa que deriva de dentro e se manifesta exteriormente. Ele deriva sempre da relação do ser com o conjunto de condições ambientais (Thiessen & Beal, 1995). A esse conjunto de elementos, fatos, condições e relações chamamos "situação". Para conhecer o comportamento da criança, é necessário observá-la em diferentes situações, o que fornecerá dados precisos sobre ela. Segundo Thiessen & Beal (1995), todo comportamento emerge da situação que se configura num dado momento.

O ambiente, então, exerce grande influência no desenvolvimento da criança, pois é através das experiências com ele que ela adquire novas habilidades, sensações e conhecimentos.

Os conhecimentos intelectuais, as noções sobre os objetos, o espaço, o tempo e a causalidade são adquiridos por aprendizagem através das experiências vividas, ou ao que nos foi comunicado por outros. Os fatores que atuam na aprendizagem estão principalmente ligados ao meio e às condições do ambiente em que vivemos e conseqüentemente nos desenvolvemos (Samarão Brandão, 1992).

Brandão (1984), afirma que ao lado de características hereditárias, o papel que a aprendizagem representa na aquisição dos padrões de postura e de movimento é primordial, e que ambos são fatores indispensáveis à evolução motora normal.

O significado e o acesso às mais diversas oportunidades de aprendizagens motoras são, por sua vez, relacionados ao contexto sócio cultural em que o bebê está inserido. Portanto, a compreensão ainda que parcial do fenômeno (evolução de padrões de movimento e padrões posturais), pode contribuir para o estabelecimento de diretrizes para o planejamento de intervenções que almejam a promoção do desenvolvimento.

O bebê irá explorar esse ambiente em que vive através dos cinco sentidos (visão, olfato, audição, tato e paladar), e irá procurar os pais ou as pessoas que cuidam dele com sede de interação e carícias. Segundo Devine (1993), os recém-nascidos estão aptos à interação social com os pais, e é esta interação que forma a base do desenvolvimento da criança dentro da cultura em que se encontra.

Na maioria das vezes, os bebês iniciam o contato visual, gostam de ouvir a voz materna e os sons produzidos no meio ambiente. Comunicam muitos sentimentos tais como ansiedade, prazer, surpresa, medo e desconforto por meio do choro, expressões faciais, movimentos corporais e das gesticulações. Sendo assim, cabe aos pais ou aos respectivos cuidadores responder a esses sinais em constante mutação, à medida que se inicia esse processo de comunicação.

Piaget (1996), chama a atenção para a importância da ação da criança no período sensório motor no conhecimento do ambiente que a cerca. Segundo Flehmig (1987), nesta fase não é possível fazer uma distinção entre desenvolvimento motor e mental, pois Piaget destaca que, durante os 18 primeiros meses, o desenvolvimento mental depende da capacidade de movimentação da criança. Portanto, na primeira fase da vida, é importante dar um destaque para o desenvolvimento motor. É muito importante deixar a criança com livre movimentação, sem roupas muito apertadas que possam prejudicar sua amplitude de movimento, como também deixar o bebê no chão para que ele possa engatinhar e explorar os objetos que estão ao seu redor.

Um aspecto relevante sobre o desenvolvimento infantil e que merece ser destacado nessas considerações, é a separação didática feita em “áreas de estudo”. A distinção entre desenvolvimento motor, cognitivo, emocional, social, da linguagem e tantas outras divisões, tem auxiliado na produção e sistematização do conhecimento em um campo muito vasto. Ao mesmo tempo em que esta separação tem consequências vantajosas como a destacada acima, parece ter favorecido, ao menos no senso comum, a dicotomização entre os eventos causais nestas diferentes áreas.

Qualquer fator que interfira em um dos aspectos do desenvolvimento deverá interferir no desenvolvimento da criança como um todo, pois todas as áreas do desenvolvimento estão intimamente relacionadas e exercem influência umas sobre as outras, a ponto de não ser possível estimular o desenvolvimento de uma delas sem que, ao mesmo tempo, as outras sejam igualmente afetadas (Thiessen & Beal, 1995; Samarão Brandão, 1992).

Neste estudo, usaremos esse ponto de vista, ou seja, considerando que as habilidades motoras a serem estabelecidas em estágios iniciais do desenvolvimento garantem alguns dos requisitos necessários para a aquisição de outras mais complexas, quer sejam

habilidades motoras relativas a estágios posteriores ou relativas as outras “áreas do desenvolvimento”.

Para que o processo de desenvolvimento ocorra como o esperado, isto é, como acontece para a grande maioria das pessoas, as habilidades iniciais devem ser adquiridas em períodos determinados, mas com ressalva às diferenças individuais. Em alguns casos, a não aquisição das primeiras habilidades pode impossibilitar a ocorrência das outras ou viabilizar sua ocorrência do modo anormal ou atípico.

Após esta observação, é possível mostrar algumas variáveis que também influenciam o desenvolvimento motor humano como a da aprendizagem, do contexto cultural onde se desenvolve a criança, e a inter-relação com as outras habilidades que a criança adquire, sobretudo no primeiro ano de vida.

Thiessen & Beal (1995), enfatizaram a importância do desenvolvimento motor na personalidade da criança. Segundo eles, quando o bebê consegue firmar-se de pé, ele está alcançando um progresso físico, mas junto com esse progresso estão envolvidas qualidades como curiosidade, persistência, autoconfiança, conceitos de distância, firmeza dos objetos que utiliza como apoio, etc. Deve-se ressaltar que esse avanço ocorreu após várias tentativas onde os aspectos supracitados foram envolvidos numa cadeia de ações e reações.

Seguindo esta linha de considerações, é possível planejar as condições ambientais a que determinado indivíduo ou grupo de indivíduos considerados normais ou em risco para alterações no desenvolvimento, são submetidos, tendo como meta a otimização de seu potencial de desenvolvimento.

II - Fatores de Risco e Prevenção

Nos últimos anos, vários autores têm dedicado seus estudos aos fatores de risco pela importância com que estes interferem no desenvolvimento da criança. São fatores de alto risco porque, quando estão presentes, colocam a criança em situação de grande vulnerabilidade ao surgimento de deficiências no seu desenvolvimento. Esses fatores podem atuar tanto no período pré, peri como pós-natal (Oliveira, 1979; Ruggia, 1982; Perez-Ramos e Perez-Ramos, 1992; Fewell, 1996).

Oliveira (1979), sustenta que a criança é o ser mais susceptível aos agravos ambientais de origem orgânica ou psicossocial, pelo fato de estar exatamente em etapas críticas de crescimento e desenvolvimento, considerando que esta susceptibilidade é inversamente proporcional ao tempo de vida, tornando mais crítica a menor idade.

Seguindo a mesma linha de estudo citada acima, Ruggia (1982), considera que o grupo infantil, ou seja, o grupo materno-infantil torna-se um grupo vulnerável por estar exposto aos riscos que alteram o processo de crescimento e desenvolvimento. O processo de desenvolvimento físico e intelectual ocorre com grande rapidez durante os primeiros cinco anos de vida, e é justamente durante este período que existe uma grande susceptibilidade a agressões sobre o sistema nervoso.

Ao se verificar que a criança está sujeita a uma grande gama de alterações no seu desenvolvimento e crescimento, uma questão que surge é: quais são os principais fatores de risco que vão influenciar estas etapas do desenvolvimento infantil?

Segundo Perez-Ramos e Perez-Ramos (1992), pode-se encontrar diferentes tipos de fatores de alto risco, entre eles os antecedentes familiares, inclusive de ordem genética, as doenças específicas e outras anormalidades ocorridas na gravidez, no parto e no período neo-natal, como também, os fatores referentes à desnutrição, maus tratos, a

determinadas doenças específicas da infância, carência de estimulação apropriada nos primeiros anos de vida e perda dos pais e institucionalização na infância.

Em relação aos antecedentes familiares inclusive os de ordem genética, podemos citar anomalias cromossômicas, anomalias enzimáticas, rubéola, sífilis, toxoplasmose, hipertensão materna, diabetes, incompatibilidade sanguínea (Leavell & Clark, 1976).

Entre as doenças específicas e outras anormalidades ocorridas na gravidez, no parto e no período neonatal pode-se citar álcool, fumo, drogas, radiações, desnutrição materna (durante a gravidez), circular de cordão umbilical, anóxia, uso de fórceps, prematuridade, recém-nascido pequeno para a idade gestacional (PIG), recém-nascido de muito baixo peso, recém-nascido com hemorragias peri-intraventriculares (HPIV), recém-nascido com crises convulsivas (Gherpelli, 1992).

Em relação aos riscos de doenças observa-se doenças infecciosas (meningite, encefalite, sarampo), cardiopatias congênitas, hemorragias intracranianas, convulsões, desidratação, etc.

A desnutrição infantil representa outro fator de risco bastante grave, pois ocasiona retardo em quase todas as áreas do desenvolvimento infantil (Oliveira, 1979; Perez-Ramos e Perez-Ramos, 1992). Para Oliveira (1979), o alimento não é somente um nutriente, mas sim uma importante fonte de estimulação sensorial, psíquica e social.

O trabalho preventivo com as crianças vem sendo cada vez mais valorizado. Quando, bem elaborado, pode regredir ou mesmo evitar sinais de atraso. Neste sentido, quanto mais cedo ele for implementado, menores são os danos esperados para a criança.

A prevenção é um ato ou efeito de evitar, vir antes ou preceder, no qual as ações são destinadas a impedir a ocorrência de fatos ou fenômenos que são prejudiciais à

saúde, e, no caso da ocorrência desses fatos ou fenômenos, a prevenção seria evitar a progressão de seus efeitos. (Brasil, 1992; Leavell & Clark, 1976)

A prevenção pode ser classificada em três níveis. A prevenção primária refere-se a medidas destinadas a desenvolver uma saúde geral ótima, através de proteção específica do homem contra agentes patológicos ou o estabelecimento de barreiras contra os agentes do meio ambiente. A prevenção secundária refere-se ao diagnóstico precoce e tratamento imediato e adequado, com a finalidade de evitar a contaminação de terceiros se a moléstia for transmissível e curar ou estacionar o processo evolutivo da doença, a fim de evitar complicações ou seqüelas e evitar a invalidez prolongada. Quando a doença já tiver progredido além de seus primeiros estágios, a prevenção secundária tem como objetivo evitar seqüelas e limitar a invalidez. Finalmente, a prevenção terciária é aquela que as alterações anatómicas ou fisiológicas já estão instaladas e seu objetivo é a reabilitação do indivíduo (Leavell & Clark, 1976).

Segundo Krynski (1983), é importante praticar a prevenção primária através do planejamento de programas capazes de manipular os fatores biopsicossociais que influenciam o desenvolvimento infantil, ou ainda fazer intervenções individuais ou grupais, focalizando as situações específicas tais como fatores carenciais, traumáticos, fatores de risco e vulnerabilidade.

Segundo Frare (1999), a detecção de possíveis elementos do ambiente como interações sociais da criança, exploração e domínio do ambiente físico, certamente fornecem subsídios importantes para a detecção e controle de variáveis que podem estar interferindo, ou que podem vir a interferir nas condições de motricidade e postura de crianças.

Para se realizar um trabalho preventivo na área do desenvolvimento infantil, é necessário uma equipe de profissionais que auxiliem na implementação desses programas.

Esta equipe pode ser formada por pediatras, psicólogos, fonoaudiólogos, fisioterapeutas, terapeutas ocupacionais, entre outros.

II.1 - Privação e desenvolvimento

É no período de 0 a 2 anos que a criança tem seu desenvolvimento físico, emocional e social bastante acelerado por meio das experiências que ela adquire, já que o sistemas músculo-esquelético e nervoso estão em constante crescimento. Vários estudos comprovam que a criança tem períodos ótimos para a aquisição de conhecimentos ou habilidades específicas (Bee, 1997). Passado este período, o aprendizado de tais habilidades torna-se mais lento. Um dos estudos citados por Bee (1997), foi de Dennis (1960), que se refere a bebês criados em orfanatos iranianos, instituições com poucas condições adequadas para crianças, onde os bebês ficavam deitados de costas nos berços o tempo inteiro, sobre colchões irregulares. Estes bebês tinham poucas experiências em ficar de bruços ou movimentar-se. O estudo comprovou que estas crianças acabaram aprendendo a andar somente cerca de um ano mais tarde.

Vários estudos foram realizados para observar os efeitos da privação da mãe em seus filhos. Entre eles, podemos citar Spitz (1998), que estudou os efeitos da privação da mãe em crianças no primeiro ano de vida. Este autor observou a privação total e suas conseqüências em 91 bebês abrigados em uma casa de crianças abandonadas situada nos Estados Unidos. Nessa instituição, as crianças eram amamentadas durante os três primeiros meses, por suas próprias mães, ou por uma das outras mães no caso da mãe da criança não poder fazê-lo. Durante esses três meses, os bebês pareciam estar no nível de desenvolvimento da média das crianças normais da mesma idade. Após o terceiro mês, mãe e filhos foram

separados. Esse pesquisador observou um quadro clínico no qual as crianças apresentavam a seguinte condição: no 1º mês após a separação, as crianças se tornaram choronas, exigentes e se agarravam a qualquer observador que entrasse em contato com elas; no 2º mês os choros se transformaram em gritos, as crianças perderam peso, e o desenvolvimento motor estacionou; no terceiro mês após a separação, elas passaram a deitar-se de bruço e perderam o contato com as pessoas que as rodeavam. Continuaram a perder peso, mostraram tendência a contrair enfermidades intercorrentes, o atraso motor se generalizou, a expressão facial se tornou rígida. Depois do terceiro mês, os choros foram substituídos por gemidos, o retardo aumentou e se converteu em letargia. Um dado extremamente importante foi que, entregando a criança novamente à mãe, ou conseguindo-se uma mãe substituta aceita pela criança num período situado entre os finais do terceiro e quinto mês da separação, o quadro desaparece com surpreendente rapidez, podendo cessar, em questão de dias. Spitz descreveu esse quadro como “depressão anaclítica”.

O fator referente à carência de estimulação apropriada no 1º ano de vida acarreta vários danos ao desenvolvimento infantil, principalmente no desenvolvimento mental da criança tais como atenção fraca e difícil, falta de capacidade crítica, incapacidade para abstração rigorosa e para o raciocínio lógico e notável atraso no desenvolvimento da linguagem (Bowlby, 1982, 1995).

Outro estudo realizado por Dennis (1935, 1938) citado por Eckert (1993), refere-se a duas meninas gêmeas que foram criadas com mínima quantidade de estimulação motora e social no período de amamentação, quando as crianças estavam com a idade de 1 mês até os 14 meses. Após a intervenção, o estudo comparou o desenvolvimento das gêmeas com os padrões normais de desenvolvimento e verificou que elas estavam atrasadas em certas realizações motoras depois de passado o limite de idade para o aparecimento destas aquisições

em crianças normais. Em relação ao desenvolvimento social, não se observou diferença apreciável em relação às outras crianças.

A perda dos pais também representa um forte fator de risco ao desenvolvimento infantil, mais especificamente ao desenvolvimento emocional. O fator trauma pela perda dos pais acarreta danos que às vezes são irreversíveis na vida da criança. Batchelor (2000), mostra através de seu estudo a narrativa de pessoas adultas que perderam seus pais na infância e foram criadas em orfanatos. Nesse estudo, eles relatam que devido à tensão pós-trauma da perda dos pais, eles encontraram muitas dificuldades na vida adulta como: dificuldades de relacionamentos, depressão, pesadelos, medo de morrer, etc.

O fator referente à institucionalização na infância, por ser de grande relevância para este estudo, será discutido em um subtópico separado.

Como pudemos observar, o desenvolvimento infantil pode sofrer influência do meio externo em todas as suas áreas (motor, cognitivo, social, etc).

II.2 - Institucionalização infantil

A história social da criança abandonada no Brasil iniciou-se com a colonização. Quando os pais ou os parentes não assumiam a responsabilidade por um filho, essa obrigação passava para a Câmara Municipal, que deveria encontrar os meios para criar a criança sem família (Marcílio, 1998).

Ao longo de todo o período Brasil-Colônia, em geral, as municipalidades brasileiras cumpriam com contragosto esta função de criar estas crianças. Quase sempre houve omissão, negligência, falta de interesse ou de assistência às crianças expostas. Nesse período, nem o estado nem a Igreja assumiram diretamente a assistência aos pequenos abandonados. Ambos atuaram indiretamente, apenas com o controle legal e jurídico, apoios

financeiros esporádicos e estímulos diversos. Na verdade, foi a sociedade civil que se preocupou com a criança desvalida e sem-família.

Segundo Marcílio (1998), a assistência à infância abandonada brasileira divide-se em três fases distintas. A primeira fase, de caráter caritativo, estende-se até meados do século XIX. A segunda fase evolui para o novo caráter filantrópico, e está presente até a década de 1960. A terceira fase, já nas últimas décadas do século XX, surge quando se instala o Estado do Bem-Estar Social, ou o Estado-Protetor, que pretende assumir a resistência social da desvalida. Só a partir dessa fase a criança tornou-se, na lei, sujeito de direito, fazendo parte da cidadania.

Hoje, uma das alternativas para esta assistência ser fornecida com o mínimo de traumas para a criança foi a implementação do trabalho de “mães sociais”.

III – Mães Sociais

A história do surgimento das mães sociais remonta à Segunda Guerra Mundial. Durante aquele período, a Europa concentrou grande número de crianças órfãs e mulheres que perderam filhos e maridos em batalha. Em 1949, na Áustria, um pedagogo chamado Hermann Gmeiner fundou as casas-lares chamando-as de Aldeia SOS com o intuito de recriar lares substitutos para as crianças e mulheres que tiveram suas famílias destruídas e essas mulheres foram chamadas de mães sociais (ALDEIAS INFANTIS, 2001).

A primeira Aldeia surgiu nas montanhas de Imst, no Tirol e, atualmente existem Aldeias SOS em 151 países. O trabalho realizado em todas essas aldeias é fundamentado nos ideais do fundador que segue os seguintes princípios pedagógicos: Mãe Social, Irmãos, Casa-lar e Aldeia (ALDEIAS INFANTIS, 2001).

- Mãe Social – todas as crianças que chegam até a instituição ganham uma nova mãe, a mãe social, que é responsável por dar carinho e orientação a essas crianças. Ela é a chefe da família, a dona da casa e por isso cuida da economia doméstica. Para ser mãe social nas Aldeias SOS é necessário passar por um rigoroso processo de seleção e capacitação. A mulher deve ter no mínimo 25 anos de idade, ser solteira, viúva ou divorciada, sem filhos menores ou dependentes, ter escolaridade mínima de primeiro grau, princípios religiosos, equilíbrio emocional e espírito de liderança. A mãe social deve querer constituir uma nova família, residir em uma das casas-lares e exercer a função de mãe como opção de vida.
- Irmãos – cada família em geral é composta por até 9 irmãos de idades diferentes e de ambos os sexos. As Aldeias possuem como princípio jamais separar os irmãos naturais.

- Casa-lar – a casa-lar deve proporcionar a criança, além de abrigo físico, o amor e o aconchego de uma verdadeira família, o que possibilitará um crescimento num ambiente harmonioso.
- Aldeia – a Aldeia é um centro educativo formado por 10 a 12 casas-lares, planejadas para abrigar uma família numerosa, uma mãe social e até nove crianças. Cada Aldeia conta com um dirigente-administrador, que mora com sua família natural, é o pai simbólico de todas as crianças e o responsável pela orientação e supervisão das mães sociais. Para uma criança ser admitida nas Aldeias Infantis SOS, leva-se em conta apenas o seu grau de necessidade.

No Brasil, a primeira Aldeia SOS surgiu em 1967 na cidade de Porto Alegre (RS). Ainda pouco conhecidas, existem hoje no Brasil 14 Aldeias instaladas em 10 estados brasileiros (RS, AM, PB, RN, MG, DF, RJ, SP, PR, BA). O objetivo das Aldeias Infantis SOS Brasil é fornecer à criança abandonada, ou que não pode ser sustentada em sua família biológica, um novo lar, uma nova mãe, criando laços afetivos e familiares através dos princípios pedagógicos do fundador (ALDEIAS INFANTIS, 2001).

A mãe social tem os mesmos deveres e preocupações de uma mãe natural. A única diferença é que mãe social é uma profissão regulamentada por lei – a Lei nº 7644, de 18 de dezembro de 1987 (Anexo 1), é uma profissão mantida somente por entidades sem fins lucrativos ou de utilidade pública, como consta no Art. 1º da Lei 7644: “As instituições sem finalidade lucrativa, ou de utilidade pública de assistência ao menor abandonado, e que funcionem pelo sistema de casas-lares, utilizarão mães sociais visando propiciar ao menor as condições familiares ideais ao seu desenvolvimento e reintegração social” (Brasil, 1998, p. 482).

No entanto, não parece haver uma estreita relação entre o que caracteriza a mãe social e os princípios pedagógicos de Hermann Gmeiner. Segundo o fundador, a casa em que

as crianças moram deve fornecer o aconchego de uma verdadeira família e, além disso, a mãe social deve exercer o papel de “Mãe”. Porém, nas instituições em que foi adotado o sistema de mães sociais, essas encaram sua posição apenas como um trabalho remunerado, sem criar vínculos com as crianças.

A mãe social tem registro em carteira de trabalho, uma folga semanal, férias anuais de 30 dias e todos os demais direitos trabalhistas, mas a jornada é considerada de “caráter intermitente”, isto é, a mulher mora no local de trabalho e, à exceção dos períodos de folga ou férias, dedica-se integralmente à sua tarefa.

A Lei determina ainda quais são os deveres da mãe social:

“ Art. 4º São atribuições da mãe social:

I – propiciar o surgimento de condições próprias de uma família, orientando e assistindo os menores colocados sob seus cuidados;

II – administrar o lar, realizando e organizando as tarefas a ele pertinentes;

III – dedicar-se, com exclusividade, aos menores e à casa-lar que lhe forem confiados.” (Brasil, 1998, p.482).

Várias instituições no Brasil adotaram o sistema das casas-lares, mas as regras e a rotina de trabalho variam de entidade para entidade. A Associação Maria Helen Drexel (AMHD) contrata mulheres casadas que queiram mudar-se juntamente com sua família (marido e filhos) para residir na instituição. A instituição paga todas as despesas com comida, limpeza, aluguel, luz, telefone, passeios e mais o salário mensal. O marido tem o direito de trabalhar fora da instituição, mas acaba adquirindo a responsabilidade de ser o pai das crianças.

Segundo o presidente da Associação Brasileira de magistrados da infância e da Juventude, não é possível dizer quantas são as mães sociais no país, porque apenas uma parcela das instituições opta pelo modelo de casas-lares.

Considerando que as chamadas “mães sociais” que trabalham em orfanatos executam uma função muito semelhante à das berçaristas, é importante ressaltar que, a partir do momento em que as mães sociais têm o conhecimento sobre o desenvolvimento normal de crianças de 0 a 2 anos, elas terão condições de identificar, em tempo, alterações do mesmo. Ou seja, se é com ela que a criança passa a maior parte do tempo, será ela quem poderá observar a ocorrência de qualquer tipo de atraso na aquisição de habilidades normais para a sua idade. A mãe social, quando bem informada sobre o desenvolvimento normal, poderá, além de estimular corretamente a criança, encaminhá-la a profissionais adequados para avaliação e tratamento, quando necessário.

Uma pesquisa realizada por Sanches; Perez e De Vitta (1999), teve como objetivo verificar a eficácia de um programa de educação para berçaristas sobre o desenvolvimento motor da criança de 0 a 2 anos. Esta pesquisa mostrou que 52,6% dos sujeitos apresentaram alterações significativas ($P < 0,05$), mostrando que o programa foi importante para aumentar os conhecimentos teóricos das berçaristas sobre o desenvolvimento motor da criança.

Segundo Frare (1999), a berçarista tem “um papel privilegiado na promoção do desenvolvimento das crianças sob seus cuidados enquanto mediadora entre a criança e o ambiente que a cerca. A atuação deste profissional, se feita com ênfase no atendimento de interesses e necessidades da criança, pode ser um importante fator ambiental de promoção da aquisição de habilidades iniciais da mesma” (p. 17).

Tendo em vista a importância de capacitar mães sociais para atuar na promoção do desenvolvimento de crianças de 0 a 2 anos, enfatizando a importância de seu papel na aquisição de habilidades psicomotoras correspondentes às fases iniciais do desenvolvimento, este trabalho tem como eixo a elaboração, aplicação e avaliação de um programa de educação para mães sociais.

OBJETIVO

Este trabalho teve por objetivo geral aplicar um programa de educação sobre o desenvolvimento de crianças de 0 a 2 anos, junto a “mães sociais” de um orfanato de Araraquara.

Os objetivos específicos foram:

- observar e descrever o papel das mães sociais;
- conhecer e descrever a rotina de atuação das mães sociais nos horários de banho e troca de fralda, alimentação e atividades lúdicas;
- identificar aspectos que mereçam ser trabalhados nas três situações estudadas;
- desenvolver e implementar um programa de educação para as mães sociais baseado nos dados colhidos;
- avaliar os resultados obtidos com a aplicação do programa.

MÉTODO

1. Participantes

Participaram como sujeitos deste trabalho 3 “Mães Sociais” que atendem crianças de 0 a 2 anos, de um orfanato de Araraquara.

Para a execução do trabalho, foi consultada a direção da instituição e uma carta (Anexo 2), foi apresentada com o intuito de obter permissão para a realização da pesquisa. Em seguida, foram identificadas as mães sociais do berçário desta instituição, e estas foram solicitadas a responder a um protocolo de informações pessoais (Anexo 3), e a assinar um termo de consentimento para participar da pesquisa (Anexo 4).

O protocolo de informações pessoais foi um instrumento elaborado com questões abertas e fechadas a respeito dos dados pessoais e profissionais das mães sociais para auxiliar na elaboração do curso, e também para traçar um perfil das mães sociais.

O Quadro 1 refere-se a informações pessoais das mães sociais obtidas através do protocolo. Para preservar a identidade de cada uma, as mães foram designadas de mães A, B e C.

Quadro 1 – Informações pessoais das mães sociais

MÃES	Idade	Escolaridade	Estado civil	Número de filhos	Tempo de trabalho como mãe social
A	31	1º grau incompleto	solteira	4	8 meses
B	41	1º grau incompleto	divorciada	2	1 mês
C	50	1º grau completo	casada	2	1 ano e 4 meses

O Quadro 1 mostra que não há relação entre ser mãe social e estado civil. Cada uma das três mães estudadas tem uma situação diferente: uma é casada, uma solteira e uma divorciada. No entanto, todas elas têm filhos e um dos critérios para a escolha desta atividade pode ter sido a atração por trabalhar com crianças, hipótese confirmada por duas das mães, as quais afirmaram que decidiram ser mães sociais porque gostam de crianças e acham gratificante trabalhar com estas. Apenas uma mãe respondeu que decidiu ser mãe social porque estava desempregada e foi até o orfanato preencher a ficha de cadastro, e logo depois foi chamada para trabalhar. Muito provável, o motivo pelo qual esta mãe social exerça esta função seja apenas pelo fato de ser uma atividade profissional remunerada.

Observou-se que, das três mães, a que trabalha a mais tempo como mãe social, a mãe C (um ano e quatro meses), foi a única que já trabalhou anteriormente com crianças de 0 a 2 anos por mais de cinco anos. As mães A e B trabalham como mães há menos de 1 ano (8 meses e 1 mês, respectivamente) e esta é a primeira profissão em que atuam com crianças.

Um ponto em comum identificado foi que todas as mães sociais mostraram a necessidade de conhecer mais sobre o desenvolvimento infantil como sendo um ponto importante para que elas pudessem trabalhar com crianças. Talvez essa necessidade de conhecimento sobre o desenvolvimento seja pelo fato de as mães sociais possuírem um nível de formação muito baixo (apenas a mãe C tem 1º grau completo). Segundo a assistente social do orfanato, só ocorre a contratação de mães sociais com baixo nível de formação pelo fato de ser muito difícil encontrar candidatas. Várias instituições de abrigo para menores órfãs – Aldeias Infantis SOS – espalhadas por vários estados brasileiros, só contratam mães sociais que tenham no mínimo 1º grau completo, pois as mães que lá trabalham têm de passar informações a respeito do desenvolvimento da criança ao Poder Judiciário.

Todas as mães sociais aceitaram participar do curso e se mostraram bastante interessadas. A mãe C foi a única que já participou de cursos que a auxiliaram no trabalho com crianças.

Em relação aos conteúdos que gostariam de aprender no curso, a mãe A informou que gostaria de enriquecer seus conhecimentos psico-pedagógicos porque acha importante obter maiores informações a respeito da criança. A mãe B respondeu que gostaria de aprender sobre alimentação e educação das crianças, porque ela tem várias dúvidas na execução dessas atividades. Já a mãe C respondeu de forma muito abstrata, faltando clareza sobre o que necessita em sua formação. Ela colocou como comentário final que as mães deveriam ser mais esclarecidas sobre o desenvolvimento das crianças.

2. Local

O trabalho foi desenvolvido no ano de 2002, em uma entidade filantrópica sem fins lucrativos, o Orfanato Renascer, na cidade de Araraquara, que abriga crianças abandonadas ou afastadas da família com determinação judicial. O orfanato recebe órfãos do nascimento até catorze anos em regime de internato ou semi-internato. Dispõe de um espaço de 1700 metros quadrados de área construída que é constituído por cinco blocos. Cada bloco tem duas casas, sendo que cada uma contém dois quartos, uma sala, uma cozinha, um banheiro e uma área de serviço. Lá, as crianças recebem atendimento médico, dentário, educacional, psicológico, religioso, etc. Dos 16 funcionários remunerados, nove são as chamadas “mães sociais”. Essas mães residem nas casas juntamente com as crianças e são responsáveis por elas. As mães foram selecionadas de acordo com alguns requisitos, tais como ter experiência prévia com crianças, gostar do que faz, ter paciência, saber colocar limites, ser carinhosa e ter idade adequada.

No orfanato existem seis casas-lares, e cada casa possui uma mãe responsável por cada uma delas, e cuida em média de quatro a cinco crianças. Essas casas são divididas por faixa etária, ou seja, a casa referente ao berçário abriga crianças na faixa etária de zero a dois anos. Quando a criança completa dois anos, ela muda para a casa que compreende a faixa etária de dois a cinco anos. As mães são fixas por casa, somente as crianças se mudam quando atingem a idade limite.

Atualmente, a instituição abriga um total de 34 crianças. No berçário (faixa etária de zero a dois anos) existem três mães para seis crianças, e é realizado um rodízio entre essas mães, pois trabalham 12 horas por dia, ou seja, durante o dia ficam duas mães cuidando das crianças e à noite, apenas uma. Essas mães que trabalham no berçário possuem família própria e casa no município, permanecendo no orfanato apenas no seu horário de trabalho. O turno da manhã corresponde ao horário das 7 horas até as 19 horas, e no turno da noite das 19 horas até as 7 horas do dia seguinte.

Todas as crianças freqüentam uma entidade educacional, seja ela creche (CER), ou escola pública por pelo menos meio período. Durante a semana, várias atividades são oferecidas para as crianças a partir dos seis anos, atividades culturais (ballet, sapateado, artesanato e aulas de violão), atividades esportivas (karatê, futebol) e atividades religiosas. Todas essas atividades são realizadas por professores voluntários.

Geralmente a criança é encaminhada ao orfanato através do juiz ou Conselho Tutelar. Após o encaminhamento da ficha da criança, o orfanato analisa o caso, verifica a disponibilidade de vaga, a faixa etária, e dá um parecer ao fórum. A maioria dos casos das crianças encaminhadas ocorrem devido ao abandono familiar (drogas, alcoolismo, morte familiar), e denúncias feitas ao Conselho Tutelar de maus tratos da família com a criança. O destino das crianças que estão no orfanato pode tomar três rumos: ficam no orfanato a espera para adoção, retornam para a família ou permanecem no orfanato. Cada criança tem um gasto

mensal de aproximadamente 298,00 reais, e a folha de pagamento gira em torno de 10.000 reais (ano de 2001). O orfanato recebe uma ajuda mensal da prefeitura do município no valor de 3.5000 reais.

As pessoas interessadas em adotar uma criança do orfanato devem se cadastrar no Fórum e, após passarem por uma avaliação social e psicológica, o juiz autoriza a adoção. Para isso, a família precisa ter infra-estrutura econômica adequada para criar a criança e real interesse em ficar com ela.

Segundo o Dr. Marcos Antônio Corrêa da Silva, juiz de Direito da 2ª Vara Criminal da Infância e Juventude da comarca de Araraquara, no ano de 1997, 28 crianças órfãs de Araraquara foram adotadas, dentre as quais 23 delas foram adotadas por casais da cidade e outras três por casais de outros países. No ano de 1998, 8 crianças foram entregues para araraquarenses e três para estrangeiros. Segundo ele, 50% dos casais que se cadastram para adotar uma criança não tem possibilidades de ter filhos. A outra metade, são aqueles que já têm filhos ou outras crianças adotadas, com idade superior a 30 anos. A maioria desses casais prefere crianças recém-nascidas, brancas e sadias (Caparelli, 1998).

3. Material e equipamentos

Para a pesquisa, foram usados os seguintes instrumentos de coleta:

- Protocolo de informações pessoais dos sujeitos (Anexo 3);
- Questionário I sobre o desenvolvimento infantil (pré e pós-teste) (Anexo 7);
- Questionário II sobre o desenvolvimento infantil (pré e pós-teste) (Anexo 8);
- Protocolos de observação (Anexo 5);

Equipamentos:

- Televisão e vídeo;
- Filmadora;
- Retroprojektor
- Projetor de slides.

Material:

- Transparências;
- Slides;
- Fitas de vídeo;
- Bonecas.

4. Procedimento de coleta de dados

A pesquisa foi realizada em nove etapas:

- **Primeira Etapa: Observação**

Nesta primeira etapa, foi realizada uma observação da rotina de atuação das mães sociais para colher informações que auxiliaram no conteúdo do programa de educação (Anexo 6).

As atividades de rotina observadas foram banho e troca de roupa, hora da alimentação e atividades lúdicas.

Através de filmagens em video-tape, foram registradas as observações em protocolos (Anexo 5), especialmente construídos para esse fim. Esses protocolos foram propostos por Danna e Matos (1996). Neles, registraram-se as atividades de rotina com a finalidade de colher dados para a confecção do programa.

A duração de cada filmagem foi estabelecida de acordo com o tempo da situação observada. Foram realizadas três filmagens de cada mãe com a criança, ou seja, ao total foram realizadas nove filmagens. Nesta sessão, as situações filmadas de banho e troca de roupa, alimentação e brincadeira foram realizadas com crianças diferentes.

Considerando interação como sendo uma ação que ocorre mutuamente entre duas pessoas ou mais, e, sabendo-se que a interação mãe-criança é fundamental para o desenvolvimento desta, estas sessões de filmagens possibilitaram a observação daquelas interações nas situações de rotina entre mãe-criança no orfanato.

As interações observadas na díade foram tanto interações verbais como não verbais. Para a observação dos vários sinais comunicativos não verbais, foi utilizado um conjunto deles (baseado em Emmel, 1984), que permitiram as análises efetuadas. São eles: mãe olha para a criança e criança olha para a mãe; mãe olha para o objeto e criança olha para a mãe; mãe e criança olham para o objeto; mãe olha para criança e criança olha para o objeto; mãe sorri para o objeto; criança sorri para o objeto; mãe sorri para a criança; criança sorri para a mãe; mãe acaricia a criança; criança acaricia a mãe; mãe gesticula; criança gesticula; mãe toca a criança; criança toca a mãe.

Para se fazer o registro das categorias foi observado apenas a sua ocorrência e não sua frequência.

Vale ressaltar que o item alimentação constou apenas de informações sobre como estimular a criança nas horas das refeições (por exemplo deixar a criança manipular o alimento), e também sobre o desenvolvimento motor da criança conforme o seu crescimento

(por exemplo se ela consegue segurar a mamadeira ou a colher, se já consegue se alimentar sozinha). O valor nutricional dos alimentos ou mesmo qual o tipo de alimentação adequada para cada criança não fez parte do conteúdo do curso, ficando a critério do pediatra responsável pelas crianças.

Após esta etapa, teve início o curso oferecido às mães sociais, que teve por objetivo aperfeiçoar a capacitação das mesmas para lidar com as crianças, especialmente nas situações estudadas (alimentação, banho e troca de roupa e atividades lúdicas).

- **Segunda Etapa: Questionário 1 (pré-teste)**

As aulas do curso foram divididas por faixa etária. No primeiro dia do curso, foi entregue as mães sociais um questionário (Anexo 6) que continha perguntas referentes ao desenvolvimento da criança de um mês até os dez meses de idade, equivalente ao conteúdo das quatro primeiras aulas do curso.

Este questionário foi entregue as mães sociais antes do início da primeira aula, e a pesquisadora permaneceu junto com as mães para esclarecer qualquer dúvida existentes em relação ao questionário.

- **Terceira Etapa: Programa de educação – aulas I à IV**

O programa de educação (Anexo 6) destinou-se a mães sociais que trabalhavam junto a crianças de 0 a 2 anos, e propôs fornecer conceitos sobre o desenvolvimento infantil e formas de facilitá-lo no ambiente do orfanato.

O programa de educação teve a duração de dois meses e se desenvolveu dentro do próprio orfanato. Foram realizadas oito aulas ao total, divididas em uma aula por semana, de aproximadamente uma hora cada.

O horário das aulas foi discutido com a direção da instituição e com as mães sociais, de modo que não alterasse a rotina das mesmas.

As aulas foram divididas da seguinte forma: 30 minutos de exposição teórica com uso de transparências, 10 minutos de slides e 20 minutos de discussão. Em algumas aulas foi realizada a parte prática do curso, com a pesquisadora utilizando uma boneca para a demonstração das atividades.

Nesta primeira parte do curso foram realizadas as quatro primeiras aulas. Os temas abordados em cada aula foram divididos por unidades, de acordo com a faixa etária e as atividades de rotina do berçário. O programa foi elaborado através dos seguintes referencias teóricos: Coriat (1991), Devine (1993); Bee (1996), Leboyer (1998) Gesell (1999), Braz (1999), Gesell e Amatruda (2000).

As aulas ficaram divididas da seguinte forma:

- Aula 1: desenvolvimento da criança durante o 1º mês;
- Aula 2: desenvolvimento da criança dos 2 aos 4 meses;
- Aula 3: desenvolvimento da criança dos 5 aos 7 meses;
- Aula 4: desenvolvimento da criança dos 8 aos 10 meses;
- Aula 5: desenvolvimento da criança dos 11 aos 12 meses;
- Aula 6: desenvolvimento da criança dos 13 aos 15 meses;
- Aula 7: desenvolvimento da criança dos 16 aos 18 meses;
- Aula 8: desenvolvimento da criança dos 19 aos 24 meses.

- **Quarta Etapa: Questionário 1 (pós-teste 1)**

Nesta etapa repetem-se novamente a aplicação do questionário 1 (pós-teste). O questionário foi entregue às mães sociais ao término da quarta aula. A pesquisadora permaneceu junto com as mães enquanto estas respondiam as questões caso houvesse alguma dúvida.

- **Quinta Etapa: Questionário 2 (pré-teste 2)**

Nesta etapa, realizou-se a aplicação do questionário 2 (Anexo 8) que continha questões referentes ao conteúdo das aulas 5, 6, 7 e 8. Foi realizada ao início da quinta aula e seguiu o mesmo procedimento da segunda etapa.

- **Sexta Etapa: Programa de educação – aulas V à VIII**

Nesta segunda etapa do curso, deu-se seguimento as aulas 5, 6, 7 e 8 do programa, onde seguiu-se o mesmo procedimento da terceira etapa.

- **Sétima Etapa: Questionário 2 (pós-teste 2)**

No final da última aula, foi entregue o questionário 2 novamente às mães sociais para que estas respondessem seguindo o mesmo procedimento da quinta etapa (pré-teste 2).

- **Oitava Etapa: Filmagens pós-curso**

No dia seguinte ao término do curso, foram realizadas novas filmagens das mães sociais com as crianças, seguindo o mesmo procedimento da primeira etapa, a fim de verificar se houve alguma mudança no comportamento das mães, e se haviam assimilado o que foi transmitido durante a aplicação do programa.

Vale comentar aqui que esta etapa foi a última em que a mãe social A participou na pesquisa. No dia da última aula ela comunicou a pesquisadora que ficaria somente mais uma semana trabalhando no orfanato, pois estava mudando de cidade e não poderia mais participar.

- **Nona Etapa: Avaliação do programa (Follow Up)**

Nos três meses seguintes da implementação do programa, foram realizadas novas filmagens das mães sociais, a fim de observar o nível de retenção das informações fornecidas no programa.

Estas filmagens seguiram o mesmo procedimento da primeira etapa, ou seja, uma vez por mês a pesquisadora retornou ao Orfanato e realizou novas filmagens das mães sociais nas três situações: banho e troca de roupa, alimentação e atividade lúdica. A duração de cada filmagem variou de acordo com o tempo que durou a situação observada.

RESULTADOS

Resultados referentes aos dados dos questionários

Nesta seção, são apresentados os resultados da avaliação do programa de educação para mães sociais sobre o desenvolvimento infantil, através da análise dos questionários 1 e 2.

A fim de preservar a identidade das participantes, as mães serão tratadas como mães A, B e C.

A tabela 1 mostra a distribuição das frequências de mudanças das respostas obtidas no pré e pós-testes do questionário I segundo mães sociais e a porcentagem de acertos.

TABELA 1. Frequências de mudanças das respostas obtidas no pré/pós-testes do questionário I, segundo mães sociais e porcentagem de acertos

MÃES	Respostas pré/pós-testes				Porcentagem de acertos	
	C/C	C/E	E/C	E/E	pré	pós
A	9	2	2	11	46%	46%
B	5	3	8	8	33%	54%
C	5	3	7	9	33%	50%

Legenda:

C/C: correto pré/correto pós

C/E: correto pré/errado pós

E/C: errado pré/correto pós

E/E: errado pré/errado pós

Conforme se observa na Tabela 1, as três mães sociais apresentaram conhecimento prévio acerca do assunto bastante limitado, com taxas de acertos das questões

menores que 50% no pré-teste. Quando se considera os dados de formação acadêmica das mães sociais e os compara com os resultados obtidos no pré-teste, constata-se que as três mães apresentaram baixo nível de escolaridade (duas mães com 1º grau incompleto e uma com 1º grau completo), e que as três obtiveram baixo índice de respostas certas no pré. Estes dados sugerem que há influência do nível de escolaridade no desempenho destas.

A Tabela 1 permite ainda observar que a mãe A obteve o mesmo nº de acertos no pré e no pós-teste. Uma possível explicação para esse resultado é o fato de que as crianças do berçário permaneciam junto com as mães na sala durante as aulas do curso, pois era necessário interromper as aulas algumas vezes por causa das crianças.

Talvez isso tenha interferido no desempenho desta mãe. Outra hipótese que pode ter influenciado o desempenho desta mãe, refere-se a sua a formação escolar, pois esta mãe tem apenas o primeiro grau incompleto.

As outras duas mães, B e C, apresentaram maior porcentagem de acertos do pré para o pós-teste. A mãe A obteve 33% no pré e passou para 54% no pós. A mãe C obteve 33% no pré e passou para 50% no pós. Isto demonstra que houve uma mudança no conhecimento geral das mães.

De um modo geral, todas as mães se mostraram interessadas no decorrer das aulas. Em quase a totalidade das aulas elas fizeram questões referentes ao conteúdo do curso e as vezes comparavam os comportamentos das crianças do berçário com o conteúdo.

A Tabela 2 mostra a distribuição das frequências de mudanças das respostas obtidas no pré/pós-teste do questionário II, segundo mães sociais e porcentagem de acertos.

Tabela 2. Frequência de mudanças das respostas obtidas no pré/pós-testes do questionário II segundo mães sociais e porcentagem de acertos.

MÃES	Respostas pré e pós-testes				Porcentagem de acertos	
	C/C	C/E	E/C	E/E	pré	pós
A	13	3	4	3	70%	74%
B	10	0	7	6	43%	74%
C	11	2	3	7	56%	61%

Legenda:

C/C: correto pré/correto pós

C/E: correto pré/errado pós

E/C: errado pré/correto pós

E/E: errado pré/errado pós

Conforme se observa na Tabela 2, duas das três mães sociais (A e C) apresentaram mais de 50% de acertos no pré-teste, com pouco ganho no pós, se comparado à mãe B que no início obteve 43% de acertos e no pós alcançou 74% de acertos, ou seja, uma mudança significativa.

Vale ressaltar esta mudança significativa apresentada pela mãe B. Ela acertou no pós-teste 7 questões que havia errado no pré-teste, e não errou nenhuma das questões que havia acertado no pré-teste. A diferença na porcentagem de acertos do pré para o pós-teste foi de 31%. Isto demonstra que houve mudança expressiva de seus conhecimentos após a aplicação do programa. É importante mencionar que esta mãe mostrou muito interesse em participar do curso, visto que foi contratada para trabalhar no orfanato apenas algumas semanas antes do início do programa. Outro ponto a ser comentado é que esta mãe possui dois filhos já adolescentes (15 e 13 anos). Talvez a experiência de ser mãe também tenha auxiliado nas respostas dos questionários.

De um modo geral, as mães mostraram maior conhecimento prévio acerca do assunto no segundo questionário. Uma possível explicação para este fato seja que a maioria das crianças que estavam no berçário apresentavam idades que correspondiam com a faixa etária do conteúdo das aulas referentes ao questionário 2, pois o questionário 2 era correspondente às aulas 5 (1 ano), aula 6 (1 ano e três meses), aula 7 (1 ano e meio) e aula 8 (2 anos). Neste período, as crianças que estavam no berçário apresentavam as idades de 7 meses, 8 meses, 1 ano e 1 mês, 1 ano e 6 meses e 1 ano e 7 meses. Assim, possivelmente, elas estivessem vivendo a prática do curso devido a faixa etária do grupo.

Ao se fazer uma análise conjunta dos questionários I e II através das Tabelas 1 e 2, observa-se que as mães apresentaram bom desempenho no decorrer do programa de educação. Como foi dito anteriormente, elas se mostraram sempre muito dispostas a participarem das aulas e relataram que os materiais utilizados nas aulas (transparências, slides, bonecas), auxiliaram na compreensão do conteúdo.

Os dados obtidos nos questionários I e II também permitem fazer um outro tipo de análise, na qual os resultados são avaliados pelo índice de erros, ou seja, é realizada uma análise dos erros. Nesta análise, as respostas erradas foram divididas em duas categorias: erro aproximado e erro completo. É considerado erro aproximado quando a mãe assinalou as idades próximas à idade certa, ou seja, quando foi assinalada uma das duas colunas ao lado da coluna que continha a idade correta a ser assinalada (ver anexos 7 e 8). Quando a mãe assinalou uma idade mais distante da idade correspondente ao comportamento indicado, este foi considerado erro completo.

A Tabela 3 mostra a análise dos erros obtidos nas respostas do questionário I segundo as mães sociais.

Tabela 3 – Análise dos erros obtidos nas respostas do questionário I segundo mães sociais

MÃES	Pré-teste		Pós-teste		Porcentagem de erros aproximados		Porcentagem de erros completos		Porcentagem de acertos	
	EA	EC	EA	EC	Pré	Pós	Pré	Pós	Pré	Pós
A	9	4	10	3	37%	41%	16%	12%	26%	26%
B	13	3	9	2	54%	37%	12%	8%	33%	54%
C	12	4	10	2	50%	41%	16%	8%	33%	50%

Legenda:**EA: erro aproximado****EC: erro completo**

Observando a Tabela 3, pode-se analisar que a mãe A obteve um aumento na porcentagem de erros aproximados do pré para o pós-teste, apresentando uma diferença de + 4%. Além disso, observa-se também diminuição na porcentagem de erros completos, visualizando-se diferença de – 4%. Já a porcentagem de acertos, permaneceu igual. Pode-se concluir que houve melhora do desempenho da mãe A no questionário I.

Em relação à mãe B, observa-se diminuição na porcentagem de erro aproximado do pré para o pós-teste (- 17%). Também se observou diminuição da porcentagem de erros completos mostrando uma diferença de – 4%. Porém, observando a porcentagem de acertos, ocorre um aumento de 21% do pré em relação ao pós-teste. Portanto constata-se que houve melhora no desempenho da mãe B no questionário I.

Em relação à mãe C também se observa a diminuição na porcentagem de erros aproximados do pré para o pós-teste (- 9%). Houve também redução na porcentagem de erros completos de - 8%. Porém houve um aumento na porcentagem de acertos de 17%. Estes dados mostram que houve mudança no conhecimento da mãe C no questionário I.

Sendo assim, verifica-se que mesmo se tratando de índices de erros, as três mães sociais apresentaram redução na porcentagem de erros completos, mostrando mudanças significativas em seus conhecimentos.

A Tabela 4 mostra a frequência dos erros obtidos nas respostas do questionário II segundo mães sociais.

Tabela 4: Frequência dos erros obtidos nas respostas do questionário II segundo mães sociais

MÃES	Pré-teste		Pós-teste		Porcentagem de erros aproximados		Porcentagem de erros completos		Porcentagem de acertos	
	EA	EC	EA	EC	Pré	Pós	Pré	Pós	Pré	Pós
A	7	–	6	–	30%	26%	–	–	70%	74%
B	9	4	2	4	39%	8%	17%	17%	43%	74%
C	7	3	4	5	30%	17%	13%	21%	56%	61%

Legenda:

EA: erro aproximado

EC: erro completo

Conforme se observa na Tabela 4, a mãe A apresentou diminuição na porcentagem de erros aproximados de – 4% do pré-teste para o pós. A porcentagem de erros completos permaneceu nulo, pois a mãe A não obteve nenhum erro completo nem no pré e nem no pós-teste. Em relação a porcentagem de acertos, houve um aumento de + 4%. Diante disso, constata-se que houve melhora no desempenho da mãe A no questionário II.

A Tabela também permite observar que a mãe B apresentou diminuição na porcentagem de erros aproximados de - 31% do pré para o pós-teste. Além disso, observa-se que o índice da porcentagem de erros completos do pré e do pós-teste manteve o mesmo valor de 17%. Em relação à porcentagem de acertos, houve aumento de 31%. Portanto, se observa que houve melhora no desempenho da mãe B também no questionário II.

Já em relação a mãe C, observou-se uma diminuição na porcentagem de erros aproximados do pré para o pós-teste de - 13%. Além disso, observou-se aumento na porcentagem de erros completos de + 8% do pré para o pós-teste. A Tabela mostra também que houve aumento na porcentagem de acertos do pré para o pós-teste de + 5%. Esses dados mostram que houve diminuição no desempenho da mãe C no questionário II.

Um ponto importante observado nesta Tabela foi que as três mães apresentaram diminuição na porcentagem de erros aproximados e também aumento na porcentagem de acertos.

Resultados referentes aos dados de observação obtidos através de filmagens

As análises que se seguem foram baseadas nas respostas emitidas por mãe e criança durante as observações. Estas foram categorizadas segundo os meios de expressão em:

- Contato - foram considerados os contatos físicos da mãe com a criança (colocar no colo, toques, etc).
- Carinho – emissão de pelo menos um toque de carícia da mãe com a criança (afagar o cabelo, alisar o rosto, beijar, etc).
- Interação verbal – quando a mãe falava com a criança ou quando a criança falava com a mãe ou quando ocorria troca de diálogos.
- Interação não-verbal – quando ocorria olhar dirigido ao parceiro, troca de olhares, sorriso de um dos parceiros dirigido ao outro ou troca de sorrisos.
- Participação na atividade/ brincadeira – quando a criança correspondia ao que a mãe lhe solicitava (segurar a mamadeira ou a colher durante a alimentação; brincar com a água, segurar a esponja ou o sabonete; segurar o brinquedo, manuseá-lo ou cantar e bater palmas juntamente com a mãe durante a atividade lúdica.

Resultados dos protocolos de observação pré-curso

Situação de alimentação (pré-curso)

Mãe A

A criança alimentada era do sexo masculino, com 2 anos e meio de idade, e apresentava atraso no desenvolvimento motor e de linguagem.

Durante a situação de alimentação, era a mãe A quem sempre iniciava a interação com a criança, ou seja, sorria e olhava para ela. Durante a filmagem, a criança mostrou-se totalmente dispersa, ou seja, olhava para os lados, só olhava para a mãe depois de um certo tempo que esta lhe chamava, quase não falou. Porém, aceitou todas as colheres de comida oferecidas pela mãe, esvaziando o prato. A mãe manteve contato visual durante toda a situação. Houve troca de sorrisos e a mãe sempre conversava com a criança estimulando-a a falar, como por exemplo, na situação em que a mãe ofereceu uma colher de comida e a criança fez sinal de “não” com a cabeça, então a mãe disse: “Não. Você quer dizer que não quer mais?”. Além disso, observou-se que a mãe não fez carinho e não manteve contato físico com a criança em nenhum momento.

Mãe B

A situação filmada de alimentação foi com uma criança do sexo masculino, com 11 meses de idade.

Esta mãe social manteve contato físico com a criança durante toda a situação de alimentação, pois a criança estava sentada em seu colo. A mãe mostrou-se muito amorosa,

pois beijou e acariciou a criança várias vezes. Pode-se observar que não ocorreu nenhuma interação verbal entre o par mãe-criança, pois ambos estavam na sala, onde a mãe estava sentada no sofá, a criança estava sentada em seu colo e ambos assistiam TV. Além disso, observou-se que a mãe dirigiu o olhar várias vezes para a criança e a criança para a mãe. Observou-se também que a criança participou da atividade segurando a mamadeira. Porém, não foi observada a troca de sorrisos.

Mãe C

A situação de alimentação filmada foi com uma criança do sexo feminino com 1 ano e 4 meses de idade.

Durante a situação de observação, ocorreu boa interação entre a mãe e a criança. Houve troca de olhares, troca de sorrisos e interação verbal. Observou-se que esta mãe social mostrou-se pouco à vontade em relação à filmagem. Foi a criança quem iniciou a interação verbal dizendo “pa-pa-pa” e logo em seguida a mãe começou a repetir o que a criança dizia. Além disso, observou-se contato físico da criança com a mãe, pois aquela se segurou no braço da mãe. Também se verificou que a criança interagiu bastante com a mãe, pois dizia várias vezes: “pa-pa-pa”. Porém, não houve demonstração de carinho de ambas as partes.

Análise global da situação de alimentação

De modo geral, as três mães apresentaram uma boa interação (verbal e/ou não verbal) com as crianças. A mãe A mostrou-se a mais extrovertida das três, e a mãe C a mais tímida. Além disso, a mãe B, embora não tenha mantido contato verbal, foi a única que demonstrou carinho pela criança.

Um ponto importante observado entre as mães foi que as mães A e C executaram a tarefa sozinhas, ou seja, não deixaram as crianças participarem da atividade, pois não deram a oportunidade para as crianças segurarem a colher ou mesmo manipular a comida. Apenas a mãe B deixou a criança segurar a mamadeira.

Situação de banho e troca de roupa (pré-curso)

Mãe A

A mãe A estava dando banho em uma criança do sexo masculino com 2 meses de idade.

Durante a situação observada, a mãe não cantou para a criança e conversou pouco. Houve troca de olhares e sorrisos, porém, nenhuma carícia. O tempo de duração do banho foi de 1 minuto e 50 segundos. Um dos momentos de interação que a mãe conversou com a criança quando enxugava esta que fez cara de choro e a mãe disse: “Não vai chorar não”. Outro momento de interação foi durante a colocação da fralda, quando a criança começou a olhar fixamente para a mãe e esta começou a fazer estalos com a boca para a criança. Além disso, observou-se o contato físico quando a mãe pegou a criança no colo depois que ela vestiu a criança. Nesta observação não ocorreu nenhum tipo de carícia, fato possivelmente relacionado com a idade da criança que, por ser muito nova, não teria ainda despertado muitos comportamentos de trocas afetivas.

Mãe B

A situação filmada foi com uma criança do sexo masculino com 11 meses de idade, e esta se mostrou alegre.

A mãe B apresentou uma boa interação com a criança durante o banho. Foi observada intensa troca de olhares, sorrisos e carícias. Um fator importante a ser mencionado é que a mãe deu a oportunidade da criança brincar com a água e com o sabonete. Outro fator observado foi a pouca interação verbal entre M-C, pois a mãe não cantou, e quase não conversou com a criança. No único momento em que a mãe dirigiu a palavra para a criança, ela disse: “Levanta a cabeça, menino”. O tempo de duração do banho foi de 5 minutos e 30 segundos. Durante a troca de roupa, a criança mostrou-se agitada, mexendo braços e pernas e a mãe disse: “Calma” e a criança balbuciou algumas sílabas como: “re-re”. Além disso, observou-se que a mãe manteve contato com a criança durante todo o tempo do banho e da troca de roupa.

Mãe C

A situação de banho filmada da mãe C foi com uma criança do sexo feminino, com a idade de 20 dias.

Observou-se apenas interação não-verbal, pois a criança dirigiu o olhar várias vezes para a mãe e esta para a criança. Além disso, observou-se contato físico, pois a mãe pegou a criança no colo depois da troca de roupa. A duração do banho foi de 1 minuto. Na situação de troca de roupa a mãe não iniciou nenhuma interação com a criança, apenas conversou com a observadora dizendo que a fralda era grande demais para a criança. Aqui novamente se chama a atenção para a baixa idade do bebê, que parece ter relação com a diminuição dos comportamentos interativos nesta situação.

Análise global da situação de banho e troca de roupa

Um ponto observado na situação de banho das crianças é a importância da duração deste, que foi, no geral, extremamente curto. Observou-se grande diferença entre as mães: a mãe B, que deu banho na criança durante 5 minutos e 30 segundos, foi quem mais interagiu e proporcionou um ambiente estimulante. A mãe A, que deu banho em 1 minuto e 50 segundos, interagiu muito pouco, e a mãe C, que levou um minuto para dar banho, interagiu pouco com a criança. Essa diferença de interação possivelmente ocorreu devido a diferença de idade das crianças.

Nesse estudo, portanto, parece haver uma relação positiva entre tempo de banho/troca e interação. Obviamente, um maior tempo no banho deveria proporcionar maiores oportunidades de interação pelo simples fato de se tratar de uma situação em que a mãe oferece dedicação exclusiva ao bebê. Se esta conseguir incrementar sua presença com conversas, brincadeiras, carinho, etc, a situação de interação se enriquece e a criança ganha em seu desenvolvimento com esses poucos minutos por dia. Embora curtas, tais situações (banho, alimentação...) se repetem diariamente, por várias vezes, tendo portanto um efeito cumulativo importante. Por outro lado, é de se supor que a não oportunização de situações de interação também poderá causar um efeito cumulativo negativo no desenvolvimento da criança.

Situação de brincadeira (pré-curso)

Mãe A

A criança filmada na situação de brincadeira era do sexo masculino e tinha 10 meses de idade.

A situação de brincadeira foi com a criança sentada no colo da mãe e esta fazia cavalinho em sua perna e cantava para a criança. Pode-se observar que a interação entre M-C foi muito prazerosa para ambos. Houve muitas trocas de olhares, sorrisos, gargalhadas e carícias. Além disso, ocorreu grande interação verbal e a mãe cantou para a criança. A duração da situação foi de 5 minutos e 40 segundos.

Mãe B

A situação de brincadeira filmada da mãe B foi com uma criança do sexo masculino com 11 meses de idade.

Essa mãe brincou com a criança com um cavalinho inflável de borracha. A mãe balançava a criança que ficou em cima do cavalinho. Através da filmagem, pode-se observar uma boa interação entre M-C, pois ocorreu troca de olhares, sorrisos e contato físico. A mãe sempre conversava com a criança e a estimulava a continuar brincando. Porém, não foi observada a ocorrência de carinho em nenhum momento. A duração da situação filmada foi de 2 minutos e 15 segundos.

Mãe C

A situação de brincadeira da mãe C foi filmada com uma criança do sexo masculino com 11 meses de idade.

A mãe pegou alguns brinquedos de borracha e sentou no sofá com a criança em seu colo para brincar. Através da observação, nota-se que a mãe social apresentou uma boa interação. A mãe conversou com a criança e esta balbuciou para a mãe. Houve troca olhares e sorrisos e ocorreu contato físico (a criança estava sentada no colo da mãe). Esta mãe pareceu pouco à vontade com a situação de filmagem. A duração da situação de brincadeira foi de 2 minutos e 20 segundos. Observou-se também que a mãe não demonstrou carinho para com a criança em nenhum momento.

Análise global da situação de brincadeira

Como a atividade de brincadeira é uma situação mais livre e espontânea do que as situações de banho e alimentação, pode-se observar maior interação entre M-C. Todas as mães apresentaram interação verbal e não-verbal, sendo que apenas a mãe C mostrou-se tímida e conversou pouco com a criança e em voz baixa. Em relação à duração da situação, observou-se uma grande diferença entre as mães. A mãe A foi quem interagiu com a criança por um tempo maior (5 minutos e 40 seg), seguida pela mãe C (2 minutos e 20 segundos), e mãe B (2 minutos e 15 segundos).

Análise global das observações (pré-curso)

Mãe A

A mãe A mostrou-se como a mãe social mais extrovertida de todas, pois cuidava das crianças e conversava com a pesquisadora da mesma forma quando estava sendo filmada ou não. Em relação as três situações filmadas observou-se que ela interagiu com as crianças em todas as atividades, em especial a atividade lúdica, onde ocorreu um maior número de interações. Esta mãe era quem mais conversava com as crianças, e foi a única que cantou para elas.

Mãe B

A mãe B mostrou-se a mãe mais carinhosa das três, pois na maior parte das vezes acariciava ou beijava a criança com quem estava interagindo. Esta mãe também apresentou intensa interação não verbal, com muitos sorrisos, gestos, troca de olhares, mas teve pobre interação verbal, conversando pouco com as crianças.

É importante salientar que esta mãe foi a única que deu a oportunidade para a criança brincar com a água e com o sabonete durante a situação de banho.

Mãe C

De modo geral, esta mãe foi quem menos interagiu com as crianças, pois ela se mostrou muito tímida durante as filmagens. Foi observado que a situação de brincadeira foi a atividade que proporcionou maior número de interações nos três pares mãe-criança. No entanto, a mãe C foi quem menos interagiu na atividade de brincadeira. No dia da filmagem ela alegou que “já está velha” para ficar brincando com as crianças, porém, de todas as mães, foi quem teve maior paciência quando estas faziam manha ou choravam.

A situação de alimentação foi a atividade em que a mãe C apresentou uma maior interação verbal. Registrou-se que na cozinha estavam também a mãe A e mais outra criança, e isto provavelmente fez com que a mãe C se sentisse mais a vontade.

Análise global das mães e suas relações com diferentes crianças no pré-curso

Conforme dito anteriormente, a mãe A mostrou-se a mais comunicativa de todas, sempre conversando e estimulando as crianças a falarem. Isto foi bem observado na situação de alimentação, na qual a criança alimentada tinha 2 anos e meio e apresentava atraso de linguagem, mas isto não impediu essa mãe de estimulá-lo. A única situação em que esta mãe apresentou interação verbal muito pobre foi durante o banho e troca de roupa. Nesta situação, a mãe social realizava a atividade com um bebê de 2 meses, o que pode justificar parte dessa conduta, uma vez que a criança ainda não possui as habilidades de comunicação oral desenvolvidas. Ainda assim, a “conversa” é um componente importante da interação mãe-filho, mesmo reconhecendo que por parte da mãe talvez ela seja mais verbal, enquanto a resposta da criança é mais corporal. Já na situação de brincadeira a mãe estimulou bastante a criança, pois cantou e conversou bastante com ela durante todo o tempo da brincadeira.

Em relação à mãe B, todas as situações filmadas foram com a mesma criança, um menino com 11 meses de idade. Observou-se que essa mãe tinha um carinho especial por esta criança e, de um modo geral, as interações M-C foram muito intensas.

Quanto à mãe C, observou-se que quanto menor a idade da criança, menor era a interação dessa mãe com a mesma. Na situação de banho, ficou bem nítida essa constatação, pois a criança tinha apenas 20 dias e a mãe não dirigiu a palavra a esta em nenhum momento, e nem brincou ou lhe deu um sorriso. Já na situação de brincadeira, a criança filmada tinha 11 meses de idade e a interação verbal ocorreu, mas foi mínima. A situação em que ocorreu maior interação verbal foi a situação de alimentação com uma menina de 1 ano e 4 meses, iniciada pela criança conforme foi referido na descrição da situação de alimentação.

Resultados dos protocolos de observação pós-curso

Situação de Alimentação (pós-curso)

Mãe A

A situação de alimentação filmada foi com uma criança do sexo masculino, com 10 meses de idade.

A situação de alimentação se realizou na sala e havia mais duas crianças no local. A televisão estava ligada, e este fator impediu que a interação mãe/criança ocorresse, pois a criança ficou o tempo inteiro assistindo TV e tomando a mamadeira que a mãe segurava, ou seja, a criança não participou da atividade. A mãe interagiu mais com as outras crianças que estavam na sala e que solicitavam sua atenção. A criança da situação filmada mostrou-se mal humorada, pois não retribuía os olhares que a mãe lhe direcionava e nem correspondeu a brincadeira que a mãe lhe fez no final da mamada quando esta passou o bico da mamadeira na boca da criança e fez: “Bilu, Bilu!”. Observou-se que ocorreu contato da mãe com a criança, porém, não ocorreu demonstração de carinho.

Mãe B

A situação filmada de alimentação foi com uma criança do sexo masculino, com um ano e um mês de idade.

Observou-se uma pobre interação entre mãe-criança. Durante a situação de observação, a mãe mostrou-se algumas vezes impaciente com a criança, pois esta queria

colocar a mão na comida ou pegar na colher. Portanto, a mãe não deixou a criança participar da atividade. Quando a mãe conversava com a criança, era apenas com tom de reprovação e olhares repreensivos todas as vezes que a criança estendia o braço até o prato. Além disso, observou-se a ocorrência de toques, pois a mãe pegou a criança várias vezes no colo para sentá-la corretamente no sofá quando esta escorregava. Porém, não se observou a ocorrência de carinho.

Mãe C

A situação filmada foi com uma criança do sexo feminino, com dois anos e dois meses.

A situação observada mostrou que a mãe interagiu bastante com a criança, pois conversou com ela, respondendo todas as vezes que esta lhe fez alguma pergunta. Além disso, mostrou-se bastante atenciosa. Houve troca de olhares e sorrisos, e a mãe demonstrou conhecer bem a criança, pois percebeu quando esta já não queria mais comer, sem que fizesse birra ou manha. Além disso, observou-se que a criança não participou da atividade, pois a mãe não deu a oportunidade da criança manipular talheres, pois esta demonstrou o interesse por segurar a colher. Também se observou a não ocorrência de carinho. Porém, notou-se a ocorrência de contato durante a situação.

Análise global da situação de alimentação

De um modo geral, as três mães continuaram apresentando baixa interação (verbal e/ou não verbal) com as crianças. A mãe C foi a mãe que mais interagiu com a criança, mostrando-se muito atenciosa e conversando bastante com ela. A mãe A interagiu

pouco com a criança, pois esta não correspondeu a interação (ficou assistindo TV). A mãe B mostrou algumas vezes impaciência perante a criança que se recusava a comer e queria apenas manipular a comida.

Nestas filmagens, novamente observou-se que as mães não deram oportunidade para as crianças manipularem a comida ou segurar a colher ou a mamadeira.

Situação de banho e troca de roupa (pós-curso)

Mãe A

A situação de banho filmada foi com uma criança do sexo masculino, com dez meses de idade.

A duração do banho foi de 4 minutos e 5 segundos. A situação observada mostrou boa interação entre o par mãe/criança. A mãe conversou o tempo inteiro com a criança, e em algumas situações dizia o que iria fazer. Um exemplo foi quando a mãe estava despindo a criança: “Vamos tomar banho para ficar cheiroso!”. Em um outro momento quando ela foi lavar o cabelo da criança: “Vamos. Vamos lavar a cabecinha?”. Na hora de lavar os pés, a mãe indagou: “Cadê o pé do bebê?”. Um outro momento em que a mãe estimulou a criança foi durante a troca de roupa quando a criança começou a bater palmas e a mãe disse: “Bate palminha, bate!”. De um modo geral a mãe mostrou-se muito atenciosa e carinhosa com a criança, e também demonstrou muita afeição, pois cantou e beijou-a várias vezes. Além disso, a mãe manteve contato com a criança, pois a segurou durante todo o banho e troca de roupa. Também se observou que a mãe deixou a criança participar da atividade, pois esta brincou com a água durante um bom tempo.

Mãe B

A situação de banho filmada foi com uma criança do sexo masculino, com um ano e um mês de idade.

A duração do banho foi de dois minutos e 40 segundos. A situação filmada revelou uma boa interação entre o par M-C. Observou-se que a mãe manteve contato com a criança durante todo o tempo do banho e troca de roupa. Além disso, a mãe demonstrou carinho com a criança afagando seu rosto. Houve troca de olhares e sorrisos assim como, interação verbal, pois a criança balbuciou várias vezes olhando para a mãe. Também se observou que a criança participou da atividade, pois a mãe deu liberdade para a criança brincar com o sabonete e com a água que caía do chuveiro.

Um ponto observado nessa situação foi que o tempo de duração foi menor do que no pré-curso que durou 5 minutos e 20 segundos. Porém, ocorreu uma maior interação no pós-curso.

Mãe C

A situação de banho filmada foi com uma criança do sexo feminino com, dois anos e dois meses de idade.

A duração do banho foi de dois minutos e dez segundos. A descrição da situação revela que a mãe C interagiu e estimulou a criança durante o banho. Quase todas as partes do corpo que a mãe iria ensaboar, ela nomeava: “Oh! Vamos lavar as mãos!” e a criança repetia as palavras: “O pé.”, “A mão”, etc. A mãe proporcionou oportunidade para a criança segurar o sabonete e brincar com a água, ou seja, a criança participou da atividade. Houve troca de olhares e sorrisos. Durante toda a situação de banho a mãe se mostrou muito

atenciosa e manteve contato com a criança durante todo o banho. Porém, não ocorreu a demonstração de carinho.

Análise global da situação de banho e troca de roupa

Dois pontos importantes observados na situação de banho e troca de roupa e que valem ser comentados são a duração do banho, e a oportunidade de brincar com a água e com o sabonete.

Observou-se um aumento em relação à duração do banho com duas mães sociais. No pré-curso, o tempo total de banho que a mãe A demorou foi de 1 minuto e 50 segundos, e houve pouca interação com a criança. Já no pós-curso, a duração do banho foi de 4 minutos e 5 segundos, e a mãe apresentou maior interação com a criança (conversou, cantou e beijou). A mãe C também mostrou grande diferença. No pré-curso, a duração do banho foi de 1 minuto e a mãe não interagiu com a criança. Já no pós-curso, a duração do banho foi de 2 minutos e 10 segundos, e houve melhor interação – a mãe relatava para a criança cada parte do corpo que estava sendo ensaboada.

Em relação à mãe B ocorreu diminuição na duração do banho. No pré-curso, o banho durou 5 minutos e 20 segundos, e houve boa interação mãe-criança. Já no pós-curso, o tempo de banho foi de 2 minutos e 40 segundos, porém também houve boa interação mãe/criança.

Outro fator observado foi a oportunidade que as três mães deram às crianças de brincarem com a água e com o sabonete durante o banho. No pré-curso, somente a mãe B havia dado esta oportunidade à criança.

Situação de brincadeira (pós-curso)

Mãe A

A situação de brincadeira filmada com a mãe A foi com uma criança do sexo masculino com 10 meses de idade.

O tempo da brincadeira foi de 5 minutos e 55 segundos. A situação ocorreu na sala do berçário e a mãe estava com a criança em seu colo, ou seja, a mãe manteve contato com a criança o tempo todo. A mãe brincou de cavalinho, cantou, conversou e fez cócegas na barriga da criança. A criança sorriu o tempo todo e balbuciou bastante e também participou da atividade. De modo geral, houve uma boa interação entre o par mãe/criança. Além disso, se observou a troca de carinho entre o par M-C.

Mãe B

A situação filmada com a mãe B foi com uma criança do sexo masculino com 1 ano e 1 mês de idade.

O tempo total de brincadeira foi de 4 minutos e 5 segundos. A situação ocorreu na sala, onde a mãe e a criança estavam sentadas no sofá, uma de frente para a outra e estavam brincando com uma casinha que encaixava objetos nela. A descrição do protocolo mostrou que houve interação não-verbal, pois ocorreu muita troca de olhares e sorrisos. Além disso, observou-se a participação da criança na atividade, pois esta ficou manuseando o brinquedo o tempo inteiro. Porém, não ocorreu interação verbal e demonstração de carinho em nenhum momento.

Mãe C

A situação filmada foi com uma criança do sexo feminino com 2 anos e dois meses de idade.

O tempo total de brincadeira foi de 4 minutos e 15 segundos. A situação ocorreu na sala do berçário, e a mãe estava sentada no sofá com a criança em seu colo. A mãe pegou alguns brinquedos na estante e brincou junto com a criança. A descrição do protocolo mostrou que ocorreu boa interação entre mãe/criança, pois a mãe manteve contato físico (estava com a criança no colo), conversou com a criança o tempo inteiro, trocou olhares e sorrisos, e se mostrou bastante atenciosa. A criança sorriu bastante e conversou com a mãe e participou da atividade.

Análise global da situação de brincadeira

Um ponto importante observado na situação de brincadeira do pós-curso foi o tempo dessas brincadeiras, que aumentou para duas das três mães (B e C). A mãe A, que havia interagido no pré-curso durante 5 minutos e 40 segundos, no pós-curso esse tempo passou para 5 minutos e 55 segundos. A mãe B, que no pré-curso interagiu por 2 minutos e 15 segundos, no pós-curso aumentou para 4 minutos e 5 segundos. E a mãe C, que no pré-curso interagiu durante 2 minutos e 20 segundos, no pós-curso esse tempo aumentou para 4 minutos e 15 segundos. De modo geral, ocorreu maior interação entre os pares das mães A e C. Apenas a mãe B foi quem não conversou com a criança, apenas sorriu e trocou olhares, apesar de ter aumentado o tempo da situação no pós-curso.

Observa-se que esta situação de brincadeira ainda mostrou-se pobre de estimulação para a criança após a aplicação do programa, embora no curso tenha sido

ressaltado que a situação de brincadeira é uma ótima situação para a estimulação do desenvolvimento global da criança (linguagem, motor, social e emocional).

Análise global das observações no pós-curso

A mãe A novamente mostrou-se a mais extrovertida das mães. A observação das situações mostrou maior interação mãe/criança nas atividades de banho e brincadeira. Apenas a situação de alimentação foi a que ocorreu pobre interação, pois a criança ficou assistindo TV a maior parte do tempo.

A mãe B foi quem menos conversou com as crianças em todas as três situações. Na situação de alimentação, ela se mostrou impaciente com a criança porque esta não queria comer, mas apenas mexer na comida. Na situação de banho, ela deu oportunidade para a criança brincar com a água e com o sabonete. Na situação de brincadeira, ela se mostrou atenciosa, mas não manteve diálogo com a criança.

Nas situações observadas, da mãe C se constatou maior interação do par M/C em relação ao pré-curso. A duração das situações de banho e brincadeira aumentou, e a mãe conversou com a criança em todas as situações (o que não ocorreu no pré-curso). No geral, das três mães, a mãe C foi que obteve melhor interação com a criança.

Resultados dos protocolos de observação do Follow-up 1

O Follow-up 1 foi realizado no primeiro mês após a finalização do programa. Durante esta fase, a pesquisadora observava a atividade solicitada, sem fornecer nenhuma orientação adicional às mães. Este procedimento se deu a fim de não interferir no processo de avaliação do programa que havia sido administrado.

É importante comentar novamente aqui que a mãe A não participou das etapas do Follow-up. No último dia de aula do curso, a mãe comunicou à pesquisadora que só ficaria mais uma semana trabalhando no orfanato, pois estava de mudanças para outra cidade. Portanto, a oitava etapa (filmagens pós-curso) foi a última etapa em que a mãe participou.

Situação de Alimentação (Follow-up 1)

Mãe B

A situação de alimentação filmada foi com uma criança do sexo feminino, com 2 anos e 2 meses de idade.

A situação de alimentação ocorreu no quintal da casa onde havia mais quatro crianças, outra mãe social e a observadora. Observou-se a ocorrência tanto de interação verbal como não verbal. Nesta situação, verificou-se que a criança aceitou comer as primeiras colheres de comida e depois não quis mais. A mãe social conversou várias vezes com ela, perguntando se ela não queria mais. A criança disse que não e então a mãe não insistiu mais. Nesta situação, a mãe mostrou-se bastante paciente com a criança, respeitando sua vontade. Conversou com ela, porém não deu oportunidade para aquela segurar a colher e nem para manipular a comida, ou seja, não deu a oportunidade para ela participar da atividade. Além

disso, se observou que a mãe manteve contato com a criança pegando-a no colo para colocá-la na cadeira. Porém, não ocorreu demonstração de carinho.

Mãe C

A criança alimentada pela mãe C era do sexo masculino e tinha 1 ano de idade.

A situação de alimentação filmada da mãe C foi a mesma situação da mãe B. Ambas estavam no quintal alimentando suas crianças respectivamente. Nesta situação, a mãe conversou pouco com a criança, ou seja, dirigiu a palavra a ela apenas duas vezes, porém conversou bastante com a outra mãe social que estava sentada ao seu lado. Nesta filmagem, ocorreu muita troca de olhares, mas nenhuma troca de sorrisos e nem de carinho. Durante todo o tempo da alimentação a mãe não deu a oportunidade da criança segurar a colher ou manipular a comida, ou seja, não deixou a criança participar da atividade. Porém, se observou que a mãe manteve contato com a criança, pois a pegou no colo para sentá-la na cadeira.

Análise global da situação de alimentação

Mais uma vez um ponto observado na situação de alimentação foi que as mães não deram oportunidade para as crianças segurarem as colheres ou mesmo manipularem a comida, assim como no pré-teste. No entanto, observou-se que a interação verbal da mãe B melhorou em relação as filmagens do pré-curso. Outro ponto observado foi que as crianças não fizeram tanta manha, talvez pelo fato da alimentação ter sido servida no quintal ao ar livre e isto tornou a situação mais descontraída.

Situação de banho e troca de roupa (Follow-up 1)

Mãe B

A situação de banho/troca de roupa filmada com a mãe B foi com uma criança do sexo feminino com 2 anos e 2 meses de idade.

A duração do banho foi de 2 minutos e 5 segundos. A situação foi filmada no banheiro do berçário e a iluminação ambiente era natural. A situação observada revela que houve uma boa interação entre o par M-C. A mãe deu oportunidade para a criança brincar com o sabonete e com a água, ou seja, deixou a criança participar da atividade. Demonstrou carinho beijando a criança na testa e manteve contato durante todo o banho. Além disso, ocorreu muita troca de olhares e sorrisos. Também se observou a ocorrência de interação verbal, pois a mãe conversou com a criança durante todo o tempo do banho.

Mãe C

A situação de banho/troca de roupa filmada com a mãe C foi com uma criança do sexo masculino com 1 ano de idade.

A situação foi filmada no banheiro do berçário, e a duração do banho foi de 2 minutos e 10 segundos. A descrição da situação observada revelou que a mãe manteve contato com a criança durante todo o banho e troca de roupa. A mãe conversou com a criança e esta balbuciou para a mãe. Houve troca de olhares e sorrisos. Além disso, a criança participou da atividade, pois a mãe deixou a criança brincar com a água. Porém, não se observou a demonstração de carinho.

Análise global da situação de banho e troca de roupa

A situação observada da mãe B indicou que esta estimulou a criança e demonstrou carinho, o que não ocorreu na situação do pré curso. Já a mãe C apresentou uma boa interação, sendo que foi observada a ocorrência de interação verbal, o que não ocorreu no pré-curso.

Situação de brincadeira (Follow-up 1)

Mãe B

A situação de brincadeira filmada com a mãe B foi com uma criança do sexo feminino com 2 anos e 2 meses de idade.

A situação foi filmada na sala do berçário e teve a duração de 2 minutos e 05 segundos. A mãe e a criança estavam sentadas no sofá, uma de frente para a outra, e a mãe estava segurando o brinquedo na frente da criança. A situação observada mostrou pobre interação no par M-C. A mãe não conversou em nenhum momento com a criança, e também não cantou. Além disso, não fez carinho na criança e não mostrou afeto. Todavia, trocou olhares e sorriu várias vezes para a criança. Além disso, manteve contato com a criança, quando a pegou no colo para sentar no sofá. Também se observou que a criança participou da atividade com alegria.

Mãe C

A situação de brincadeira filmada com a mãe C foi com uma criança do sexo masculino com 1 ano de idade.

A situação foi filmada na sala do berçário e teve a duração de 2 minutos. A mãe e a criança estavam sentadas no sofá, e a criança estava apoiando as costas na mãe, ou seja, a criança manteve contato com a mãe durante toda a situação. Esta estava segurando um brinquedo na frente da criança. A situação observada mostrou pobre interação entre o par M-C. A mãe não conversou com a criança em nenhum momento, não acariciou, não beijou e também não cantou. Porém, se observou a troca de olhares e sorrisos. Além disso, a criança participou da atividade com muito entusiasmo.

Análise global da situação de brincadeira

Um ponto a ser ressaltado na situação de brincadeira do Follow-up 1 foi o tempo que durou essa brincadeira, que diminuiu para as mães. Observou-se que não ocorreu interação verbal com ambas as mães.

Uma questão importante observada na situação de brincadeira foi que esta atividade não parece fazer parte da rotina das mães. Apesar de ter sido exaustivamente explicado durante o curso a importância de brincar para o desenvolvimento da criança, parece que as mães não assimilaram que a situação de brincadeira também é da responsabilidade delas. Observou-se que os brinquedos ficavam guardados em cima da estante, ficando indisponíveis para as crianças brincarem quando quisessem.

Análise global das observações no Follow-up 1

As três situações filmadas com a mãe B foram com uma criança do sexo feminino com 2 anos e 2 meses de idade. Nas situações observadas, constatou-se que esta apresentou comportamentos diferentes nas três situações.

Na situação de alimentação, mostrou-se compreensiva e paciente com a criança que não quis mais comer, conversando com esta.

Na situação de banho/troca de roupa, a mãe proporcionou à criança um ambiente estimulante, pois deixou a criança brincar com a água e com o sabonete, beijou a criança, e também conversou com ela.

Já a situação de brincadeira foi a situação mais pobre de interação. O tempo de duração em relação ao pré-teste foi menor, a mãe não conversou com a criança, não demonstrou afeição e também não cantou. Apenas sorriu e trocou olhares com a criança.

As três situações filmadas com a mãe C foram com uma criança do sexo masculino com 1 ano de idade. As situações mostraram interação deficiente entre o par mãe-criança.

Na situação de alimentação, a mãe conversou apenas duas vezes com a criança e passou a maior parte do tempo conversando com a outra mãe social.

A situação de banho mostrou-se uma situação ainda deficiente, porém com interação verbal e não-verbal, pois a mãe conversou com a criança e trocou olhares. Deixou a criança brincar com a água, mas não deixou a criança brincar com o sabonete ou com a esponja, não cantou para ela e também não lhe disse quais as partes do corpo estavam sendo lavadas.

Já a atividade lúdica mostrou-se a mais pobre de interação dentre as três atividades. Apesar da mãe manter contato com a criança durante todo o tempo, a mãe não conversou em nenhum momento com a criança e também não demonstrou afeto ou carinho.

Resultados dos protocolos de observação do Follow-up 2

Como já foi referido, nos dois meses após a última intervenção procedeu-se o Follow-up 2. Constou-se da observação da criança e da mãe nas três situações estudadas: alimentação, banho/troca de roupa e brincadeira. Os principais resultados estão descritos abaixo.

Situação de alimentação (Follow-up 2)

Mãe B

A situação de alimentação foi filmada com uma criança do sexo masculino de 1 ano e 2 meses de idade.

A situação ocorreu no quintal da casa onde haviam mais duas crianças, outra mãe social e a observadora. Nesta situação a mãe mostrou-se impaciente com a criança que estava alimentando porque esta não queria mais comer. A mãe interagiu muito pouco com a criança, ou seja, conversou com a criança várias vezes, porém em tom de reprovação e não lhe deu a oportunidade de segurar a colher, ou seja, não deixou a criança participar da atividade. Durante a maior parte do tempo a mãe apenas lhe deu ordens (“Fica quieto aí!”) e olhares de reprovação quando a criança tentava levantar-se do seu lugar. Observou-se que a mãe manteve contato com a criança, segurando-a todas as vezes que esta tentava se levantar. Além disso, observou-se que não ocorreu demonstração de carinho.

Mãe C

A situação de alimentação foi filmada com uma criança do sexo feminino de 1 ano e 1 mês de idade.

A situação observada foi a mesma da mãe B, descrita acima. O relato do protocolo mostrou que houve uma boa interação entre o par M-C. Houve interação verbal e não-verbal, pois a mãe conversou com a criança e trocou olhares e sorrisos. Porém, não deu a oportunidade para a criança segurar a colher ou mesmo manipular a comida, ou seja, não deixou a criança participar da atividade. Observou-se que a mãe manteve contato com a criança quando a colocou sentada na poltrona. Porém, não ocorreu demonstração de carinho.

Análise global da situação de alimentação

A situação observada da mãe B demonstrou que a interação foi prejudicada pela impaciência da mãe em relação a falta de apetite da criança, pois esta se recusou a comer. Embora a mãe tenha conversado com a criança e tenha ocorrido a troca de olhares, estes por sua vez, foram de reprovação porque a criança se recusava a comer. Nas filmagens do pré-curso não foi observado interação verbal e não-verbal.

Na situação da mãe C houve interação tanto verbal como não-verbal, o que já havia sido observado no pré-curso.

Em relação a execução de tarefa, observou-se mais uma vez que as mães não deram a oportunidade para as crianças segurarem as colheres ou manipularem a comida.

Situação de banho e troca de roupa (Follow-up 2)

Mãe B

A situação de banho/troca de roupa com a mãe B foi filmada com uma criança do sexo masculino de 1 ano e 2 meses de idade.

A situação ocorreu no banheiro e o banho teve a duração de 2 minutos e 10 segundos. A iluminação ambiente era natural. A situação mostrou uma boa interação entre o par M-C. A mãe deu a oportunidade para a criança lavar seu próprio pé e brincar com a esponja na água, ou seja, a criança participou da atividade.. Além disso, demonstrou afeição fazendo carinho em seu rosto. Observou-se também que a mãe manteve contato com a criança durante todo o banho e troca de roupa. Além disso, ocorreu interação verbal e não-verbal.

Mãe C

A situação de banho/troca de roupa com a mãe C ocorreu com uma criança do sexo feminino de 1 ano e 1 mês de idade.

A situação teve a duração de 1 minuto e 10 segundos e foi filmada no banheiro, onde a criança tomou banho em uma banheira infantil de plástico. A iluminação do banheiro era natural. A situação mostrou uma boa interação entre o par M-C. A mãe manteve contato com a criança durante toda a situação de banho e troca de roupa. Ocorreu interação verbal e não-verbal. Além disso, a criança participou da atividade, pois brincou com a água. Porém, não ocorreu a demonstração de afeto e a mãe não proporcionou um ambiente estimulante para a criança colocando brinquedos na água para a criança brincar.

Análise global da situação de banho e troca de roupa

Nesta situação de banho e troca de roupa observou-se que ocorreu uma boa interação entre as duas mães e suas respectivas crianças. Porém, a mãe b estimulou muito mais a sua criança (a criança brincou com a esponja e com a água e lavou seu próprio pé), sendo que a mãe C só deixou a criança brincar com a água e o tempo do banho foi extremamente curto.

Situação de brincadeira (Follow-up 2)

Mãe B

A situação de brincadeira foi filmada com uma criança do sexo masculino de 1 ano e 2 meses de idade.

A situação foi filmada na sala do berçário e teve a duração de 3 minutos e 20 segundos. A mãe estava sentada no sofá ao lado da criança, ou seja, a mãe manteve contato com a criança durante todo o tempo. A criança estava segurando em seu colo um carrinho de plástico em formato de elefante, com um relógio na lateral e um arco na parte de cima com várias contas coloridas. A situação mostrou uma interação pobre entre o par M-C. A mãe não conversou com a criança em nenhum momento, não demonstrou carinho nem afeição. Porém, ocorreu uma maior interação não-verbal, com muitas trocas de olhares e sorrisos, pois a maior parte do tempo a mãe e a criança ficaram brincando de passar as contas de um lado para o outro, sendo que a criança participou da atividade com muita alegria.

Mãe C

A situação de brincadeira foi filmada com uma criança do sexo feminino de 1 ano e 1 mês de idade.

A situação foi filmada na sala do berçário do orfanato e teve a duração de 3 minutos e 25 segundos. Estavam presentes na sala, além da mãe social, outras quatro pessoas: uma menina (criança observada), outros dois meninos (1 ano e 2 meses e 2 anos de idade, respectivamente) e a observadora.

A mãe social estava sentada no sofá e a criança estava encostada na mãe, ou seja, a mãe manteve contato com a criança durante toda a brincadeira. A mãe segurava um brinquedo na frente da criança. O brinquedo era um carrinho em formato de elefante, com um relógio na lateral e um arco com contas coloridas na parte de cima. As outras duas crianças estavam brincando no chão da sala.

A situação mostrou uma interação deficiente entre M-C. Ocorreu tanto interação verbal como não-verbal, pois a mãe conversou com a criança, porém a posição em que as duas estavam sentadas no sofá prejudicou um pouco a troca de olhares. A mãe não demonstrou afeto para com a criança (não lhe abraçou e não beijou). Além disso, as outras crianças que estavam na sala prejudicaram a interação, pois todas queriam a atenção da mãe social. Porém, a criança participou da atividade durante todo o tempo de brincadeira.

Análise global da situação de brincadeira

Mais uma vez a situação de brincadeira mostrou-se deficiente. Ambas as mães tiveram uma interação pobre com seus pares. Observou-se que apenas a mãe B obteve uma boa interação não-verbal, com muita troca de olhares e sorrisos.

Já a mãe C apresentou uma interação pobre com sua criança porque as outras crianças que estavam na sala prejudicaram a atividade, porém foi observada uma melhor interação verbal em relação ao pré-curso.

Análise global das observações no Follow-up 2

A observação das situações filmadas com a mãe B mostrou uma maior interação mãe/criança nas atividades de banho e brincadeira. Já a situação de alimentação foi pobre, pois a mãe ficou impaciente com a recusa da criança em comer.

A observação das situações filmadas com a mãe C mostrou que apenas na atividade de alimentação ocorreu uma boa interação entre o par. Na situação de banho a duração do banho foi extremamente curta. Já na situação de brincadeira ocorreu uma interação pobre, pois as outras crianças que estavam na sala atrapalharam a atividade.

Resultados dos protocolos de observação do Follow-up 3

O Follow-up 3 ocorreu no terceiro mês após a administração do programa para as mães.

Situação de alimentação (Follow-up 3)

Mãe B

A situação de alimentação filmada foi com uma criança do sexo feminino, com 1 ano e 2 meses de idade.

A situação ocorreu na sala onde estavam presentes a mãe social e mais quatro crianças. A mãe estava sentada em uma poltrona em frente a um sofá onde estavam sentadas duas crianças (a criança observada e um menino de 1 ano e 1 mês).

A atividade observada mostrou que houve boa relação entre o par M-C, ocorrendo interação tanto verbal como não-verbal.

Mais uma vez, nesta situação, a mãe não deu a oportunidade para a criança segurar a colher ou manipular a comida, ou seja, a criança não participou da atividade. A mãe manteve contato com a criança, porém, não demonstrou carinho nem afeição.

Mãe C

A situação de alimentação filmada com a mãe C foi com uma criança do sexo feminino, com 1 ano e 2 meses de idade.

A situação foi filmada na sala do berçário, e a mãe estava sentada no sofá com a criança em seu colo, ou seja, a mãe manteve contato com a criança durante toda a situação. A televisão estava ligada e ambas estavam assistindo.

A descrição da situação mostrou uma interação deficiente, pois a mãe não conversou com a criança em nenhum momento. Foi observada a troca de olhares e a mãe demonstrou afeto acariciando o cabelo da criança, o que não ocorreu em nenhuma situação de alimentação anterior da mãe C. Além disso, a criança participou da atividade segurando a mamadeira.

Análise global da situação de alimentação

A situação observada da mãe B mostrou que houve boa interação entre o par M-C, pois ocorreu tanto interação verbal como não verbal. Portanto, observou-se melhora em relação ao pré-curso, quando não ocorreu interação verbal.

A situação observada da mãe C mostrou que ocorreu boa interação não-verbal, demonstração de afeto, e a mãe deu a oportunidade para a criança segurar a mamadeira.

Observou-se melhora em relação ao pré-curso, pois a mãe não havia demonstrado carinho em relação a nenhuma criança, e também não havia dado oportunidade da criança segurar a colher em outras situações.

Situação de banho/troca de roupa (Follow-up 3)

Mãe B

A situação de banho/troca de roupa filmada com a mãe B foi com uma criança do sexo feminino com 1 ano e 2 meses de idade.

O banho foi dado em uma banheira de plástico e teve a duração de 1 minuto.

A situação observada mostrou pobre interação entre o par M-C. O tempo do banho foi muito curto. Observou-se que a mãe conversou com a criança e esta balbuciou para a mãe. Além disso, houve troca de olhares e a mãe manteve contato com a criança durante todo o tempo. Observou-se que a mãe não deu oportunidade para a criança participar da atividade. Além disso, não ocorreu a demonstração de carinho.

Mãe C

A situação de banho/troca de roupa filmada com a mãe C foi com uma criança do sexo feminino, com 1 ano e 2 meses de idade.

A criança tomou banho em uma banheira de plástico e teve a duração de 1 minuto.

A descrição da situação mostrou uma interação deficiente entre o par M-C. Houve troca de olhares e a mãe demonstrou afeto beijando a barriga da criança e também manteve contato com a criança. Além disso, a mãe deu oportunidade para a criança brincar com a esponja na água, ou seja, a criança participou da atividade. Contudo, não conversou com a criança e o tempo do banho foi extremamente curto.

Análise global da situação de banho/troca de roupa

A situação observada da mãe B mostrou que o tempo de duração do banho comparado ao pré-curso diminuiu. Porém, ocorreu maior interação verbal no follow-up 3.

Já a situação observada com a mãe C mostrou que o tempo de banho permaneceu igual ao pré-curso (1 minuto). No Follow-up 3 a mãe deu a oportunidade para a

criança brincar com a esponja na água e demonstrou afeto por esta, o que não ocorreu no pré-curso.

Situação de brincadeira (Follow-up 3)

Mãe B

A situação de brincadeira filmada com a mãe B foi com uma criança do sexo feminino, com 1 ano e 2 meses de idade.

A atividade ocorreu na sala do berçário e teve a duração de 2 minutos e 20 segundos. A mãe estava sentada no sofá com a criança em seu colo, e esta segurava um brinquedo na mão. O brinquedo era um carrinho em formato de elefante, com um relógio na lateral e um arco na parte de cima com contas coloridas.

A situação observada mostrou interação deficiente entre o par M-C. Houve troca de olhares e de sorrisos e a mãe manteve contato físico com a criança (esta estava sentada em seu colo). No entanto, a mãe não conversou nem cantou para a criança em nenhum momento. Assim como não demonstrou afeto nem carinho. Observou-se que a criança participou da atividade alegremente.

Mãe C

A situação filmada com a mãe C foi com uma criança do sexo feminino, com 1 ano e 2 meses de idade.

A situação foi filmada na sala do berçário e teve a duração de 4 minutos e 50 segundos. A mãe estava sentada no sofá com a criança em seu colo, e a mãe segurava um brinquedo em formato de um relógio de parede de plástico, com ponteiros coloridos.

A situação observada mostrou boa interação entre o par M-C. Houve troca de olhares e sorriso. A mãe conversou com a criança, além disso, manteve contato físico, pois a criança estava sentada em seu colo. A criança participou da atividade com muita alegria. Porém, não ocorreu a demonstração de carinho e nem afeto.

Análise global da situação de brincadeira

A situação de brincadeira da mãe B mostrou que houve interação deficiente com a criança, pois a mãe não conversou com ela e nem demonstrou carinho.

A situação de brincadeira da mãe C mostrou que, comparada ao pré-curso houve melhora em relação a interação verbal, pois a mãe conversou o tempo inteiro com a criança.

Análise global das observações no Follow-up 3

As situações observadas da mãe B mostraram que ocorreu mais interação verbal com a criança nas situações de alimentação e banho/troca de roupa. Na situação de brincadeira não ocorreu interação verbal, e nem a demonstração de carinho e afeição pela criança.

As situações observadas da mãe C mostraram que a situação em que a mãe teve boa interação com a criança foi na atividade de brincadeira. Esta foi a única atividade em que ocorreu interação verbal.

Nas atividades de alimentação e banho, a mãe C demonstrou carinho e afeição, o que não ocorreu nas outras filmagens.

O quadro 2 refere-se às categorias de comportamentos verificadas nos protocolos de observações.

Quadro 2 – quadro referente às categorias de comportamentos dos protocolos de observação

		MÃE B					MÃE C				
		PRÉ	PÓS	F1	F2	F3	PRÉ	PÓS	F1	F2	F3
Alimentação	Contato	+	+	+	+	+	+	+	+	+	+
	Carinho	+	-	-	-	-	-	-	-	-	+
	Interação verbal	-	+	+	+	+	+	+	+	+	-
	Interação não verbal	+	+	+	+	+	+	+	+	+	+
	Criança participando da atividade	+	-	-	-	-	-	-	-	-	+
Banho	Contato	+	+	+	+	+	+	+	+	+	+
	Carinho	+	+	+	+	-	-	-	-	-	+
	Interação Verbal	+	+	+	+	+	-	+	+	+	-
	Interação não verbal	+	+	+	+	+	+	+	+	+	+
	Criança participando da atividade	+	+	+	+	-	+	+	+	+	+
Brincadeira	Contato	+	+	+	+	+	+	+	+	+	+
	Carinho	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-
	Interação verbal	+	-	-	-	-	+	+	-	+	+
	Interação não verbal	+	+	+	+	+	+	+	+	+	+
	Criança participando da atividade	+	+	+	+	+	+	+	+	+	+

Legenda:

- : não ocorreu

° : não há registro

+ : ocorreu

TRIANGULAÇÃO DAS ANÁLISES

Ao se estudar o quadro acima foi realizado três tipos de análises: análise das situações de rotina (alimentação, banho/troca de roupa e brincadeira); análise das categorias e análise das mães.

Análise das Situações

Situação de alimentação

Observando-se a situação de alimentação constatou-se que ocorreu contato e interação não-verbal em todas as situações.

Além disso, observou-se que as mães quase não demonstraram carinho com as crianças. A mãe B demonstrou carinho somente no pré-curso onde a criança estava em seu colo tomando mamadeira. Talvez, o fato da criança estar no colo da mãe tenha facilitado a demonstração de amor. A situação em que a mãe C demonstrou carinho pela criança foi no Follow-up 3. Esta situação foi semelhante com a que aconteceu com a mãe B, pois a criança estava sentada no colo da mãe tomando mamadeira e, enquanto isso, a mãe ficou afagando o cabelo da criança. Portanto, constatou-se que em todas as outras situações de alimentação que não era a mamadeira, as mães se preocupavam em dar o alimento e não em demonstrar carinho.

Além disso, observou-se que a interação verbal foi uma categoria que ocorreu somente naquelas situações em que as mães estavam alimentando as crianças e, portanto, as mães conversavam para estimular as crianças a comerem. Assim como, as duas situações onde as mães não conversaram com as crianças, foram as situações em que as crianças seguraram a própria mamadeira. Portanto, constatou-se que as mães não sentiam a

necessidade de estimularem as crianças verbalmente durante as refeições onde as próprias crianças seguravam a mamadeira.

Em relação a criança participando da atividade, observou-se que as duas situações em que as mães deixaram as crianças participarem, teve relação com o tipo de alimentação. Quando o alimento era o leite servido na mamadeira, as mães ofereciam a mamadeira para as crianças segurarem. Quando o alimento era sólido, as mães seguravam o prato de comida e a colher e serviam para as crianças, impedindo-as de manipularem os talheres ou mesmo a comida com medo que estas se sujasse ou não se alimentassem direito.

Situação de banho

Observando-se a situação de banho verificou-se que ocorreu contato e interação não-verbal em todas as situações.

A interação verbal também foi uma categoria que teve um alto índice de ocorrência, pois em apenas duas situações com a mãe C, não foi observado. Constatou-se que, na maior parte das vezes as mães conversavam com as crianças incentivando-as a tomarem banho.

Em relação à criança participando da atividade, observou-se que em grande parte das situações as mães deixaram as crianças brincarem com a água, com o sabonete ou com a esponja. A única situação em que a mãe B não deixou a criança participar da atividade foi no Follow-up 3, onde o tempo de duração do banho foi extremamente curto (1 minuto).

Já em relação a demonstração de carinho na situação de banho/troca de roupa, observou-se uma divergência entre as mães. Enquanto a mãe B demonstrou afeto em quase todas as situações, a mãe C não demonstrou carinho em nenhuma situação, exceto no Follow-up 3, quando esta beijou a barriga da criança durante o banho.

Situação de brincadeira

Observando-se a atividade de brincadeira, constatou-se em todas as situações a ocorrência das seguintes categorias: contato, interação não-verbal e a criança participando da atividade. Talvez, isto se explique pelo fato da brincadeira ser uma atividade mais livre, e as mães não se preocuparem tanto deixando as crianças mais à vontade.

Entretanto, observou-se que não ocorreu a demonstração de carinho em nenhuma situação. Uma possível explicação para esse fato seja que, as crianças estavam concentradas na atividade de brincadeira e, conseqüentemente, as mães não se preocuparam em conversar ou demonstrar carinho.

Análise das Categorias

Ao se fazer uma análise das categorias de comportamentos notou-se que: o contato e a interação não-verbal ocorreram em todas as situações estudadas, independente do tipo de atividade.

Já a demonstração de carinho ocorreu mais na atividade do banho/troca de roupa e, naquelas situações de alimentação em que a criança estava no colo da mãe, ou seja, quando a mãe estava mais tranqüila e o contato direto favorecia a interação. Nas situações em que não ocorreu a demonstração de carinho (brincadeira e alimentação), foram as situações em que as crianças ou estavam concentradas nas atividades (brincadeira) ou quando as mães estavam preocupadas em dar o alimento para elas.

Em relação a interação verbal, observou-se que seu maior índice ocorreu nas situações de alimentação e banho. Na primeira ocorreu porque as mães conversavam para estimular as crianças a comerem e, na segunda, talvez para tornarem a situação mais agradável e prazerosa. Na situação de brincadeira observou-se uma divergência entre as mães em relação à interação verbal. Enquanto a mãe B só conversou em uma situação (pré-curso), a

mãe C só não conversou em uma situação (Follow-up 1). Talvez, isso tenha ocorrido por um estilo de personalidade das mães.

Já em relação a criança participar da atividade, notou-se o seguinte: as situações de brincadeira e banho, foram as que obtiveram um maior índice. Talvez, isso se explique por serem atividades de maior prazer para as mães e crianças. A situação de alimentação foi a que apresentou menor índice. Talvez, se explique pelo fato das mães terem uma preocupação maior em alimentar as crianças e também de evitar que estas se sujasse.

Análise da Mãe B X Mãe C

Ao se fazer uma análise comparando a mãe B com a mãe C, verificou-se o seguinte: a mãe B mostrou-se mais carinhosa e amorosa, enquanto a mãe C mostrou-se mais fria em relação às crianças. Talvez, esta característica seja um traço da personalidade das mães. Porém, ambas realizaram todas as atividades com muita responsabilidade e respeito para com as crianças.

Em relação às outras categorias, as mães não apresentaram divergências significativas.

Além disso, observou-se que não houve diferença significativa nas interações das mães com a diferença de idade das crianças. O que se notou foi que as crianças mais novas, por apresentarem um menor repertório de comunicação (principalmente a interação verbal), foram as situações em que as mães conversaram pouco com as crianças, comparando com as crianças mais velhas. Porém, em relação aos cuidados de higiene, atenção e duração da situação, houve diferença significativa.

Fidedignidade

Os dados de uma das sessões de observação das três situações filmadas com as mães B e C foram confrontados com as observações de um pesquisador independente devidamente treinado. O cálculo de fidedignidade foi feito segundo a fórmula:

$$\frac{\text{Número total de acordos}}{\text{número de acordos + número de desacordos}} \times 100$$

Os resultados obtidos foram:

Situação de alimentação = 100%

Situação de Banho e Troca = 88%

Situação de Brincadeira = 88%

DISCUSSÃO

Nesta pesquisa foi avaliado um programa educativo para mães sociais que envolvia o desenvolvimento infantil e formas de estimulá-lo no ambiente do orfanato. Nosso programa aproveitou as situações de banho e troca de roupa, alimentação e atividade lúdica para falar sobre o desenvolvimento, e em como estimular a criança nessas situações.

Esta sessão discute os dados desta pesquisa enfocando:

- A importância do papel das mães sociais no desenvolvimento infantil;
- Comparações entre as situações (alimentação, banho e troca de roupa, brincadeira);
- A aplicação de programas educativos.

A importância do papel das Mães Sociais

Ao pensarmos na vida de uma criança durante seus primeiros anos, observa-se que a figura materna é uma fonte extremamente rica de estimulação, e a formação do vínculo entre mãe e filho é fundamental para o desenvolvimento do indivíduo, tanto no aspecto social, quanto no cognitivo, emocional, físico, etc.

Visto que a mãe social é contratada para exercer a função de mãe, ela absorve para si toda a carga que a figura materna representa na vida de uma criança.

Bowlby (1995) relata que a relação calorosa, íntima e contínua entre mãe-criança, na qual encontrem satisfação e prazer, é fundamental para a saúde mental e para o desenvolvimento da personalidade da criança.

Outro autor que estudou a interação mãe-criança foi Spitz (1998), na qual verificou a importância dos meios de comunicação que existem entre a mãe ou pessoa próxima que cuida constantemente da criança logo no primeiro ano de vida. Este tipo de comunicação que se estabelece entre a díade é importante para a formação do indivíduo.

O vínculo que se cria entre a mãe social e a criança institucionalizada permite que aquela possa proporcionar à criança quase todos os estímulos necessários a um desenvolvimento infantil saudável, mesmo que seja por curtos períodos do dia.

Os resultados do presente trabalho mostraram que as mães sociais não obedecem a nenhum padrão de desempenho com as crianças. O que esta investigação mostrou foram diferenças individuais na forma de lidar com as crianças nas três situações que foram estudadas. Em relação à interação, preponderaram situações de ganho, embora as observações tivessem mostrado que estas poderiam ter tido uma qualidade bem maior, caso a dedicação (relacionada, principalmente ao tempo de dedicação à criança) pudesse ter sido maior. Também faltam informações relevantes para as mães sociais acerca do desenvolvimento em geral e da importância desta proximidade nos primeiros anos de vida e a metodologia adotada (filmagens em situações do dia-a-dia) apontou tais lacunas.

Finalmente, a aplicação do Programa mostrou ser um instrumento necessário e importante para minimizar tais problemas: houve mudança no grau de conhecimento das mães sobre o desenvolvimento infantil e também mudança no comportamento destas durante as interações com as crianças, e isto pode influir em um maior vínculo entre mãe-criança.

Comparação das situações: alimentação, banho e troca de roupa, brincadeira

Conforme dito anteriormente, as situações de rotina do berçário (alimentação, banho e brincadeira), são situações que propiciam maior interação mãe-criança e proporcionam a possibilidade de estimulação do desenvolvimento infantil. Tendo em vista que estas três atividades apresentam estruturas e características diferentes, as três mostraram diferenças quanto a quantidade e qualidade de interação.

Observou-se que a atividade de alimentação é uma situação em que a maior responsabilidade é da mãe, no sentido de estar direcionando o comportamento da criança, porém, esta também tem sua participação no sentido de receber o estímulo que está sendo oferecido, que no caso é o alimento.

Uma pesquisa realizada por Xavier (1996), constatou que quando uma criança corresponde ao que é esperado pela mãe, ou seja, aceitar o alimento, a satisfação da mãe faz com que ocorra uma interação agradável entre ambos. No presente estudo, observou-se resultado semelhante, pois nas situações em que as crianças se recusaram a comer, foram justamente as situações onde não ocorreram interações entre o par M-C.

Um ponto observado na situação de alimentação foi a influência negativa que a TV exerceu na interação entre o par mãe-criança. Em algumas situações de alimentação, que ocorreram na sala, onde as crianças estavam tomando mamadeira e a TV estava ligada, se observou que nestas situações a interação M-C foi pobre. Notou-se que ambas ficaram assistindo a programação, impedindo assim, a troca de olhares, sorrisos, carinho e interação verbal.

A situação de banho e troca de roupa possui uma estrutura semelhante à situação de alimentação, ou seja, a responsabilidade maior da tarefa fica por conta da mãe.

Porém, segundo Cavichia (1993) numa pesquisa onde implantou um programa para berçaristas de creches, verificou que as situações de banho e brincadeira são as atividades que oferecem as melhores oportunidades de interação na creche. Esta autora observou que nessas duas atividades, ocorreu o maior número de comportamentos de interação das crianças com as berçaristas, após a implantação do programa.

Entendendo o processo interativo mãe-criança como um espiral em que o comportamento de um influi no do outro, muitas variáveis podem influenciar diretamente nesta situação. Doença, febre ou alterações comportamentais da criança, como muita birra ou choro, são fatores que podem interferir ou mesmo anular uma interação agradável entre a díade.

Neste sentido, o comportamento da mãe varia conforme o estado da criança: quando está tudo bem, a interação ocorre mais facilmente, mas quando alguma coisa vai mal o estado da mãe se altera, fazendo com que a tarefa se torne desagradável (Xavier, 1996).

Como visto anteriormente, a situação de brincadeira foi aquela que ocorreu maior interação. Observa-se que a situação de brincadeira possui uma estrutura diferente das outras duas, pois deixa a criança numa posição mais ativa, ou seja, dependendo mais dela para que a atividade aconteça. Nesta situação, a mãe incentiva, conversa, ensina, mas quem executa a atividade é a criança.

Segundo Xavier (1996), esta é uma situação mais tranquila e descontraída para a mãe, pois a responsabilidade é menor, acarreta maior interação, sincronia e sintonia entre mãe e criança.

No caso das mães sociais, ficou igualmente claro que as situações onde ocorreram mínimas interações foram as situações de alimentação e as situações de maior interação foram as de brincadeira e banho.

A aplicação de programas educativos

Os programas educativos destinados a ensinar o público podem produzir mudanças nos conhecimentos e atividades correspondentes, sendo que para isso, é necessário o interesse e a motivação desta população. Segundo Garcia-Celay & Tapia (1996) muitas variáveis podem afetar a motivação do indivíduo: a maneira de organizar a atividade, as mensagens transmitidas pelo professor, o tipo e a forma de interação, os recursos, etc.

Neste estudo, observou-se que as três participantes mostraram interesse e motivação durante a aplicação do programa. Através dos resultados analisados anteriormente, as mães sociais mostraram mudança significativa em seus conhecimentos acerca do desenvolvimento infantil após a aplicação do curso.

Segundo Lopes (1995), as aulas expositivas têm a função de valorizar a vivência do indivíduo, seu conhecimento e também busca relacionar esses conhecimentos prévios com o tema a ser estudado, possibilitando o aparecimento de dúvidas, problemas e a solução destes. Como sugere a autora, durante a aplicação do programa de educação, todas as dúvidas e perguntas que surgiram foram sanadas.

Uma pesquisa realizada por Sanches, Perez e De Vitta (1999), aplicou um programa sobre o desenvolvimento motor infantil para berçaristas de creches do município de Bauru, obteve resultados significativos, mostrando que aquelas obtiveram mudanças em seus conhecimentos que foram avaliados através de pré e pós-testes.

No presente estudo, observou-se resultado semelhante, pois através do uso do pré e pós-teste pode-se conferir a mudança no conhecimento das mães sociais com a aplicação do programa.

Uma outra pesquisa realizada por Montrone (1997), elaborou e aplicou um programa de ensino sobre aleitamento materno em uma comunidade de baixo nível sócio-econômico, capacitando mulheres a ensinar mães da comunidade a amamentar e estimular seus bebês. Este trabalho obteve resultados bastante expressivos na população estudada, pois foi observado um aumento no tempo de aleitamento materno e estimulação do bebê durante a amamentação. Assim, esses dados sugerem que a aplicação de programas de ensino para a comunidade, quando bem planejados, estruturados e executados, podem promover mudanças significativas para o desenvolvimento infantil.

Nesta pesquisa, também se pode observar algumas mudanças nas interações das mães sociais com as crianças nas situações analisadas. No caso das mães sociais fica igualmente evidente o impacto do programa na promoção de comportamentos interativos em suas relações com as crianças.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Esta pesquisa enfatizou a importância da aplicação de programas educativos na área do desenvolvimento infantil, principalmente para pessoas que atuam diretamente com uma população vulnerável, ou seja, crianças institucionalizadas.

Este estudo buscou focalizar as variáveis da rotina diária da criança, mostrando o quanto as mães sociais podem influir no desenvolvimento dessas crianças que estão abrigadas em orfanatos, estimulando-os com recursos próprios do dia-a-dia.

Os resultados mostraram que o Programa Educativo promoveu mudanças tanto no conhecimento das mães sociais sobre o desenvolvimento infantil de 0 a 2 anos, como nos comportamentos de interação das mães com as crianças.

Além disso, os resultados também mostraram a possibilidade de se realizar pesquisa em uma instituição social, gerando bons resultados com baixo custo. Os gastos foram apenas com os materiais utilizados nas aulas (transparências, slides e folhas dos questionários).

Este trabalho apontou características de uma amostra restrita de mães sociais em situações específicas. No entanto, ao constatar a escassez de referencial teórico sobre este tema (Mães Sociais), a pesquisa aqui apresentada responde parte das questões que se colocam nesta área e chama a atenção para a necessidade do desenvolvimento de novas investigações que permitam aprofundar o conhecimento sobre esta população de mães sociais, e auxiliá-las a desenvolver seus papéis com maior capacitação e propriedade.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ALDEIAS INFANTIS SOS BRASIL.(2001) <http://www.aldeiasinfantis.org.br>.
- BATCHELOR, J. (2000) Adaptation to childhood parental loss: the experience of growing up in an “orphanage” and its meaning over time. South Dakota, abril, p.140-147.
- BEE, H. (1997) O ciclo vital. Porto Alegre: Artes Médicas.
- BOWLBY, J. (1982) Formação e rompimento dos laços afetivos. 1ª ed.- São Paulo: Martins Fontes. 165p.
- BOWLBY, J. (1995) Cuidados maternos e saúde mental. 3ª ed. São Paulo: Martins Fontes.
- BRASIL, (1992) Integração da Pessoa Portadora de Deficiência. Política Nacional de Prevenção das Deficiências. Brasília: CORDE.
- _____, (1998) Consolidação das Leis do Trabalho. Lei nº 7.644, de 18 de dezembro de 1987. 23 ed. – São Paulo: Saraiva. 922p.
- BRAZ, P. F. (1999) Estimulação Precoce domiciliar: um programa de intervenção e sua análise em bebês de risco dos 0 aos 6 anos. Dissertação de mestrado em Educação especial. Universidade Federal de São Carlos. 129p.
- CORIAT, L. F. (1991) Maturação Psicomotora no primeiro ano de vida da criança. Trad. Ronaldo José Melo da Silva. 3ª edição. São Paulo: Editora Moraes. p.182.
- DEVINE, M. (1993) A fala do bebê e a arte de se comunicar com ele. Petrópolis, RJ: Vozes.
- DANNA, M. F.; MATOS, M. A. (1986) Ensinando observação: uma introdução. São Paulo: Edicon.
- ECKERT, H.M. (1993) Desenvolvimento motor. São Paulo: Manole. 490p.
- EMMEL, M. L. G. (1984) Interação não verbal: um estudo comparativo entre díades com crianças normais e com síndrome de down. Dissertação de mestrado em Educação Especial. Universidade Federal de São Carlos. 154 p.
- EMMEL, M. L. G. (1990) Interação Social: a função da atividade. São Paulo: IPUSP. 265 p. Tese de doutorado. Instituto de Psicologia da USP.
- FEWELL, R. R. (1996) Early education for disabled and at-risk children. In: WARIG, M. C; REYNOLDS, M. C.; WALBERG, H. J. Handbook of special and remedial education: reserch and practice. (pp. 37-60): Elsevier Science Inc.
- FLEHMIG, I. (1987) Desenvolvimento Normal e seus Desvios no Lactente: diagnóstico e tratamento precoce do nascimento até o 18º mês. São Paulo: Atheneu.

- FRARE, S. R. P. M. (1999) Capacitação de Berçaristas de creches para a promoção do desenvolvimento infantil: um programa de ensino. Dissertação de mestrado. Universidade Federal de São Carlos. São Carlos.
- GARCIA-CELAY,I.M.; TAPIA,J.A. (1996) A_ motivação e aprendizagem escolar. COLL,C.;PALACIUS,J.; MARCHESI, A. Desenvolvimento psicológico e educação: psicologia da educação. Porto Alegre: Artes Médicas.
- GESELL, A. (1999) A criança do 0 aos 5 anos. São Paulo: Martins Fontes.
- GESELL, A., AMATRUDA, B. (2000) Gesell e Amatruda Diagnóstico do Desenvolvimento: avaliação e tratamento do desenvolvimento neuropsicológico no lactente e na criança pequena, o normal e o patológico. São Paulo: Atheneu.
- GUERPELLI, J.L.D. (1992) Seguimento neurológico de recém-nascidos de alto risco. In DIAS, T.R.S. (org) Temas em educação especial 1. São Carlos: UFSCar.
- KRYSNKI, S. (1983) Prevenção da Deficiência Mental. São Paulo: Sarvier.
- LEAVELL, H.D; CLARK, E.G. (1976) Níveis de aplicação da Medicina Preventiva. In: LEAVELL, H.D; CLARK, E.G. (org). Medicina Preventiva. São Paulo: Mc Graw-Hill. P. 17-29.
- LEBOYER, F. (1998) Shantala: massagem para bebês: uma arte tradicional. 5 ed. – São Paulo: Ground. 154p.
- LOPES, A.O. (1995) Aula expositiva: superando o tradicional. VEIGA, I. P. et al. Técnicas de ensino: por que não? 3ª ed. Campinas, SP: Papyrus.
- MARCÍLIO, M. L. (1998) História social da criança abandonada. São Paulo: editora Hucitec.
- MONTRONE, A. V. G. (1992) Avaliação de um programa educativo de incentivo ao aleitamento materno e estimulação precoce, para mães de nível sócio-econômico baixo. Dissertação de mestrado em Educação Especial. Universidade Federal de São Carlos. 101p.
- MONTRONE, A. V. G. (1997) Promotoras para o estímulo da lactância materna e estimulação do bebê em uma comunidade de baixo nível sócio-econômico: elaboração, implementação e avaliação de um programa de ensino. Tese de doutorado. São Carlos: UFSCar.
- OLIVEIRA, A. J. (1979) A criança carente e a excepcionalidade. Rev. Bras. Def. Mental. Vol 14, julho/dez (37-44p).
- OLIVEIRA, Z. M; MELLO, A. M; VITÓRIA, T.; FERREIRA, M. C. R. (1995) Creches: crianças, faz de conta & cia. 4ª edição. Petrópolis, R. J.: Vozes, 128p.
- OLIVEIRA, Z. M. R., FERREIRA, M. C. R. (1986) Propostas para o atendimento em creches no município de São Paulo: histórico de uma realidade. Cadernos de Pesquisa. São Paulo (56): 39-65, fev.

- PÉREZ-RAMOS, A. M. Q., PÉREZ-RAMOS, J. (1992) Estimulação precoce. Ministério da Ação Social. Coordenadoria Nacional para a integração da pessoa portadora de deficiência – CORDE.
- PIAGET, J. (1996) A construção do real na criança. 3ª edição. São Paulo: ed. Ática.
- PREUSS, M. R. G. (1986) Atitudes maternas e tipo de cuidado alternativo escolhido por mães que trabalham fora. Psicologia, Teoria, Pesquisa. Brasília, v.2, n.3, p.213-225, set.-dez.
- RIZZO, G. (2000) Creche: organização, currículo, montagem e funcionamento. Rio de Janeiro: Betrand Brasil. 400p.
- REBOLLO, M. A. (1980) Carencias experienciales. Revista Brasileira de Def. Mental. Vol. 15, n1 a 4. Jan/dez. (p57-60).
- RUGGIA, R. (1982) Concepto de alto riesgo de origen biologico y socio-cultural. Rev. Bras. Def. Mental. Vol 17, n 2, julho/dez (07/24p)
- SAMARÃO BRANDÃO, J. (1992) Bases do tratamento por estimulação precoce na paralisia cerebral (ou dismotria cerebral ontogenética). São Paulo: Memnon.
- SANCHEZ, F. F., PEREZ, R. R. M., DE VITTA, F. C. F. (1999) Desenvolvimento motor infantil: Avaliação de um Programa de Educação para Berçaristas. Bauru, 1999. Monografia (Iniciação Científica - PIBIC/CNPq) - Universidade do Sagrado Coração.
- SPITZ, R. A. (1998) O primeiro ano de vida. 2ª edição. São Paulo: Martins Fontes.
- THIESSEN, M. L., BEAL, A. R. (1995) Pré-escola, tempo de educar. São Paulo: Ática.
- XAVIER, E. S. (1996) Evolução na interação entre mãe-criança portadora da síndrome de down no segundo ano de vida. Dissertação de mestrado em Educação Especial. São Carlos: UFSCar.

BIBLIOGRAFIA

- BRASIL (1998) Ministério da Educação e do Desporto. Secretaria de Educação Fundamental. Referencial Curricular Nacional para a Educação Infantil. Brasília: MEC/SEF. 3v.
- BRAZELTON, T. B. (1994) Momentos decisivos do desenvolvimento infantil. São Paulo, Martins Fontes.
- BREDARIOL, A. C. P. (1999) Programa de educação preventiva: uma proposta para serviços de estimulação/intervenção precoce. Dissertação de mestrado em Educação Especial. São Carlos, UFSCar. 149p.
- BRÊTAS, J.R.S. (1998) Massagem em bebês: uma abordagem psicomotora. Temas sobre desenvolvimento, v.7, n.39, p.24-32.
- BRÊTAS, J.R.S. (1999) Massagem em bebês e vínculo. Temas sobre desenvolvimento, v.8, n.44, p.5-15.
- CAVICCHIA, D. C. (1993) O cotidiano da creche: um projeto pedagógico. São Paulo: Loyola.
- EL-KHATIB, U. (1998) Quando se trata de investigar “crianças e adolescentes em situação de risco pessoal e social”... Caderno de Terapia Ocupacional da UFSCar, V.7, n.1. (p1-12).
- GREENSPAN, S.I. (1999) A evolução da mente: as origens da inteligência e as novas ameaças a seu desenvolvimento. Rio de Janeiro: Record.
- HERREN, H.; HERREN, M.-P (1989) A estimulação psicomotora precoce. Trad. Jenny Wolff. 2ª edição. Porto Alegre: Artes Médicas. 95p.
- MARCONI, M. A.; LAKATOS, E. M. (2001) Metodologia do trabalho científico. 5ª ed. São Paulo: Atlas.
- MURAHOVSKI, J. (1998) Problemas da criança. São Paulo: Contexto. 63p.
- PEREIRA, V.C.; EMMEL, M.L.G. (1999) Um estudo sobre o desenvolvimento de habilidades em crianças de 0 a 2 anos através do brinquedo. Temas sobre desenvolvimento, v.8, n.43, p.9-14.
- ROSSETI-FERREIRA, M. C. (2000) Org. Os fazeres na educação infantil. 2. ed. rev. ampl. São Paulo: Cortez.
- ROSSIT, R. A. S. (1997) Análise do desenvolvimento de bebês com Síndrome de Down em função da capacitação da mãe: uma proposta de intervenção. Dissertação de mestrado. Universidade Federal de São Carlos. São Carlos. 205p.
- SANTOS, S. M. P.; CRUZ, D. R. M. (1999) Brinquedo e infância: um guia para pais e educadores em creche. Petrópolis, RJ: Vozes.

SOIFER, R. (1992) Psiquiatria infantil operativa: psicologia evolutiva & psicopatologia. 3ª ed. Revista e ampliada. Artes Médicas, Porto Alegre.

SCHWARTZMAN, J. S. (1998) O desenvolvimento motor normal. Desenvolvimento normal da criança. São Paulo, n.1.

SEVERINO, A. J. (2000) Metodologia do trabalho científico. 21 ed. rev. e ampl. São Paulo: Cortez. 279p.

STACHTCHENKO, S., JENICEK, M. (1990) Conceptual differences between prevention and health promotion: research implications for community health programs. Can. J. Publ. Health, v. 81, p. 53-59.

WEBER, L.N.D. (1999) Aspectos psicológicos da adoção. Curitiba: Juruá. 188p.

Fonte: CLT (Consolidação das Leis Trabalhistas)

LEI 7.644, DE 18 DE DEZEMBRO DE 1987
Mãe Social

Art. 1º As instituições sem finalidade lucrativa, ou de utilidade pública de assistência ao menor abandonado, e que funcionem pelo sistema de casas-lares, utilizarão mães sociais visando a propiciar ao menor as condições familiares ideais ao seu desenvolvimento e reintegração social.

Art. 2º Considera-se mãe social, para efeito desta Lei, aquela que, dedicando-se à assistência ao menor abandonado, exerça o encargo em nível social, dentro do sistema de casa lares.

Art. 3º Entende-se como casa-lar a unidade residencial sob responsabilidade de mãe social, que abrigue até 10 (dez) menores.

§1º As casas lares serão isoladas, formando, quando agrupadas, uma aldeia assistencial ou vila de menores.

§2º A instituição fixará os limites de idade em que os menores ficarão sujeitos às casas lares.

§3º Para os efeitos dos benefícios previdenciários os menores residentes nas casas lares e nas Casas da Juventude são considerados dependentes da mãe social a que foram confiados pela instituição empregadora.

Art. 4º São atribuições da mãe social:

I – propiciar o surgimento de condições próprias de uma família, orientando e assistindo os menores colocados sob seus cuidados;

II – administrar o lar, realizando e organizando as tarefas a ele pertinentes;

III – dedicar-se, com exclusividade, aos menores e à casa-lar que lhe forem confiados.

Art. 5º À mãe social ficam assegurados os seguintes direitos:

I – anotação na Carteira de Trabalho e previdência Social;

II – remuneração, em valor não inferior ao salário mínimo;

III – repouso semanal remunerado de 24 (vinte e quatro) horas consecutivas;

IV – apoio técnico, administrativo e financeiro no desempenho de suas funções;

V – 30 (trinta) dias de férias anuais remuneradas nos termos do que dispõe o capítulo IV, da consolidação das Leis do Trabalho;

VI – benefícios e serviços previdenciários, inclusive, em caso de acidente do trabalho, na qualidade de segurada obrigatória;

VII – gratificação de Natal (13º salário);

VIII – Fundo de Garantia do Tempo de Serviço ou indenização, nos termos da legislação pertinente.

UNIVERSIDADE FEDERAL DE SÃO CARLOS
CENTRO DE EDUCAÇÃO E CIÊNCIAS HUMANAS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO ESPECIAL

Ilmo (a) Sr. (a)
Responsável pela Instituição

Prezado (a) Senhor (a),

Venho por meio desta, me apresentar como aluna do Programa de Pós-Graduação em Educação Especial, nível de Mestrado, da Universidade Federal de São Carlos. Nele, venho desenvolvendo uma pesquisa que tem por objetivo avaliar um programa de educação, referente ao desenvolvimento de crianças de 0 a 2 anos, junto a mães sociais; sob a orientação da Profa. Dra. Maria Luisa G. Emmel.

Para tanto, solicito a autorização desta renomada Instituição para que as mães sociais possam participar do programa.

Comprometo-me a manter sigilo sobre a Instituição e as participantes, evitando quaisquer informações que possam identificá-las.

Colocando-me à disposição para maiores esclarecimentos e contando com a aquiescência de V.Sa., agradeço antecipadamente.

Atenciosamente,

Autorizo:

Pesquisadora

Presidente

(Data) ____ / ____ / ____

PROTOCOLO DE INFORMAÇÕES PESSOAIS

NOME: _____

DATA DE NASC.: _____

ESTADO CIVIL:

 casada solteira viúva divorciada() outros

TEM FILHOS?

 Não Sim QUANTOS?()

POR QUE VOCÊ DECIDIU SER MÃE SOCIAL? O QUE A MOTIVOU FAZER ESTE TRABALHO?

HÁ QUANTO TEMPO TRABALHA COM CRIANÇAS DE 0 A 2 ANOS:

 menos de 1 ano de 1 a 2 anos de 2 a 5 anos mais de 5 anos

QUAL A SUA FORMAÇÃO ESCOLAR?

 primeiro grau incompleto primeiro grau completo segundo grau incompleto segundo grau completo segundo grau - magistério superior incompleto - curso _____ superior completo - curso _____

FEZ OUTROS CURSOS QUE A AJUDASSEM A TRABALHAR COM ESTAS CRIANÇAS? QUAIS?

QUE PONTOS VOCÊ CONSIDERA IMPORTANTES DE SEREM TRABALHADOS COM A CRIANÇA DE 0 A 2 ANOS?

VOCÊ GOSTARIA DE PARTICIPAR DE UM CURSO SOBRE O DESENVOLVIMENTO DA CRIANÇA DE 0 A 2 ANOS?

()SIM

()NÃO

EM CASO DE RESPOSTA AFIRMATIVA, QUE CONTEÚDOS VOCÊ GOSTARIA DE APRENDER NESTE CURSO?

POR QUE?

GOSTARIA DE FAZER ALGUM COMENTÁRIO?

TERMO DE CONSENTIMENTO

Declaro que estou informada dos objetivos do estudo “Programa de Educação para Mães Sociais sobre o desenvolvimento infantil” desenvolvido pela fisioterapeuta Renata Reis Munhoz Perez e estou de pleno acordo em participar desta pesquisa.

Compreendo e concordo que o estudo poderá ser filmado e as informações serão divulgadas e/ou publicadas, ressaltando-se a garantia de que minha identidade será preservada e mantida sob sigilo.

Mãe social

Pesquisadora

(Data)____/____/____

PROTOCOLO DE OBSERVAÇÃO

1) Nome do observador:

2) Objetivo da observação:

.....

.....

3) Data da observação:

4) Horário da observação: início término

5) Diagrama da situação:

6) Relato do ambiente físico:

.....

.....

.....

.....

.....

.....

.....

.....

7) Descrição do sujeito observado:

.....

.....

.....

8) Relato do ambiente social:

.....

**PROGRAMA DE EDUCAÇÃO
PARA MÃES SOCIAIS**

1 MÊS (4 SEMANAS)	
COMPORTAMENTO	<ul style="list-style-type: none"> - O sistema de ação está mais organizado, mais estreitamente interligado em todas as suas partes; - A respiração é mais regular e mais funda; - A regulação da temperatura é mais firme; - Reage positivamente aos confortos e agrados. Reage negativamente aos desconfortos e recusas; - Exprime as suas exigências e seus desejos através do choro e da linguagem de sinais; - Engole com maior segurança. Não engasga nem regurgita com a frequência com que costumava fazê-lo; - Dorme ainda durante a maior parte do dia e da noite- cerca de 20 horas nas 24 – mas o seu despertar é mais decidido e mais prático do que era quinze dias antes; - Já é capaz de manter os dois olhos numa posição fixa, pregados vagamente numa janela ou numa parede; - Mostra-se especialmente atento ao rosto humano, quando este surge, com ar aprovador, no seu campo de visão. A sua atividade física geral diminui quando esse “interessante” estímulo óptico e social se depara aos seus olhos; - A amplitude de movimento dos olhos é limitada pelo domínio incompleto da cabeça. Tende manter a cabeça virada para um dos lados (RTCA); - O bebê de 1 mês não está apto ainda para uma estimulação social. As suas necessidades vegetativas e as suas experiências sensoriomotoras são as mais importantes. Os seus esquemas de comportamento estão sendo organizados e reorganizados, quer através da imobilização, quer através da atividade.
SONO	<p><u>Adormecer:</u></p> <ul style="list-style-type: none"> - O bebê cai gradualmente no sono quando chega no final da mamada, quando a sucção se torna intermitente. Rejeita o bico da mamadeira ou do seio quando junta o sono e a saciedade. Se ficar acordado após a mamada, pode ser que chore antes do próximo período de sono. <p><u>Despertar:</u></p> <ul style="list-style-type: none"> - O bebê chora ao acordar. Pode interromper momentaneamente o choro, quando lhe mudam a fralda, principalmente se ela estiver molhada. O choro persiste, em geral, até lhe darem a mamadeira. <p><u>Períodos:</u></p> <ul style="list-style-type: none"> - Quatro a cinco períodos de sono nas vinte e quatro horas. A redução dos sete a oito períodos que tem logo após o nascimento efetua-se mediante a fusão de quatro deles, dois a dois. Pode efetuar-se ainda outra redução através da supressão de um período de sono entre duas mamadas sucessivas.

	<p>Como estimular:</p> <ul style="list-style-type: none"> - Deve-se atender ao bebê assim que ele acorde e comece a chorar. Se chorar antes de adormecer, pode-se facilitar a passagem do choro para o sono, balançando docemente o berço ou o carrinho durante um período curto, e acompanhando, porventura, o embalo com uma cantiga.
ALIMENTAÇÃO	<p><u>Número de refeições:</u></p> <ul style="list-style-type: none"> - O bebê reduz espontaneamente as suas refeições de sete ou oito à nascença, para cinco ou seis. A redução acontece mediante a fusão de duas refeições. Esta fusão pode não se manter por muito tempo e pode aparecer mais tarde. <p><u>Duração:</u></p> <ul style="list-style-type: none"> - O tempo de sucção varia grandemente de criança para criança, mas é em geral, de 30 a 40 minutos. <p><u>Alimento à mamadeira:</u></p> <ul style="list-style-type: none"> - O choro do bebê pode apaziguar-se quando passa para o colo da mãe, mas é mais freqüente ele só se aquietar quando lhe dá mamadeira. Atingida a saciedade, o bebê adormece, não aceita a reintrodução do bico na boca e pode apresentar, passageiramente, uma expressão facial mais animada.
ELIMINAÇÃO	<p><u>Intestino:</u></p> <ul style="list-style-type: none"> - Uma a três, ou mesmo quatro dejeções ao acordar do sono. <p><u>Bexiga:</u></p> <ul style="list-style-type: none"> - O bebê pode chorar quando tem a fralda molhada e acalma-se quando a mudam.
BANHO E VESTIR	<ul style="list-style-type: none"> - O bebê aprecia agora o banho; - Não gosta que o vistam e dispam. <p>Como estimular:</p> <ul style="list-style-type: none"> - Conversar com o bebê, dizer a ele que a água está quentinha (a temperatura da água deve estar em torno de 36,5° C); - Apoiar as costas e o pescoço do bebê dentro da água; - Colocar primeiro os pés, depois as pernas e o resto do corpo. Deixar que o bebê se acostume à temperatura da água; - Molhar o bebê devagar e conversar com ele; - Colocar o bebê de barriga para baixo e passar os dedos com o sabonete nas costas dele, desde o pescoço até o bumbum; - Ainda de barriga para baixo balançar o bebê para frente e para trás; - Ao retirar o bebê da banheira, enxuga-lo vagarosamente. Pode ser uma sensação muito gostosa para o bebê; - Embale-o no colo. Converse com ele e não esqueça de colocar-lo de barriga para baixo no colo.
ATIVIDADE INDIVIDUAL	<ul style="list-style-type: none"> - O bebê olha fixamente para as luzes e para as janelas. Prefere estar de cabeça virada para um ou outro lado, em harmonia com o seu reflexo

<p style="text-align: center;">ATIVIDADE INDIVIDUAL</p>	<p>cervico-tônico. Pode irritar-se quando o viram para o lado contrário ao da luz.</p> <p>Como estimular:</p> <ul style="list-style-type: none"> - Acalma-se se o virarem na direção da luz; - É importante acariciar as pernas, a barriga e os braços do bebê; - Ficar perto do bebê, na sua frente e conversar com ele, sorrir para ele; - Para virar o bebê de lado, coloque as mãos nas costas, no ombro e no quadril (com a outra mão). Se precisar, apoiar as costas do bebê em um rolinho de toalha; - Para levantar o bebê, primeiro vire-o de lado. Depois coloque uma de suas mãos em suas costas e pescoço e outra mão no quadril; - Deixar os braços e as pernas do bebê livre para movimenta-los quando quiser.
<p style="text-align: center;">SOCIABILIDADE</p>	<ul style="list-style-type: none"> - O bebê fita os rostos que se aproximam dele. Este chora ao fim do dia – o que é sua maneira de pedir uma estimulação social. <p>Como estimular:</p> <ul style="list-style-type: none"> - O bebê aquieta-se se o pegarem no colo - Conversar com o bebê.

4 MESES (16 SEMANAS)	
COMPORTAMENTO	<ul style="list-style-type: none"> - O bebê já tem controle de cabeça; - Gosta que o mudem de posição deitada para a posição sentada; - Roda livremente a cabeça de um lado para outro quando está deitado no berço; - Olha para sua própria mão; - Olha para um brinquedo que a mãe balança em sua frente; - Torna-se mais perceptivo; - Torna-se também mais expressivo; - Já repara mais nos sons, especialmente na voz humana; - Nesta fase a mão já não se conserva tão fechada. Os dedos são mais ágeis, mais ativos; - O bebê olha ainda ocasionalmente, para as mãos, mas agora tem uma nova habilidade: junta-as sobre o peito e dedilha os dedos com os dedos; - Nesta idade os ombros esticam-se e os braços entram em ação assim que lhe aproximam um brinquedo;
SONO	<p><u>Adormecer:</u></p> <ul style="list-style-type: none"> - O bebê adormece bastante cedo, depois da refeição da tarde. <p><u>Despertar:</u></p> <ul style="list-style-type: none"> - A hora de acordar varia, de criança para criança, entre as 5 e as 8 da manhã. <p><u>Adormecer e despertar:</u></p> <ul style="list-style-type: none"> - O bebê não adormece logo em seguida de uma refeição, mas conversa consigo próprio ou brinca com as mãos ainda durante um certo tempo. O choro pode preceder o sono, embora isso não aconteça em todos os períodos da sesta. <p><u>Períodos:</u></p> <ul style="list-style-type: none"> - Três sestras durante as vinte e quatro são um número característico dessa idade, muito embora possam verificar-se duas ou quatro. A soneca de manhã cedo pode ligar-se ao sono da noite, especialmente se o despertar é tardio (cerca das 8 da manhã).
ALIMENTAÇÃO	<p><u>Auto-regulação:</u></p> <ul style="list-style-type: none"> - A exigência de alimento expressa através de um choro intenso ao acordar torna-se menos freqüente a partir das doze semanas, andando geralmente ligada apenas ao primeiro despertar da manhã. Às outras refeições o bebê dispõe de maior capacidade de espera e é capaz de se adaptar, as exigências do ambiente. Pode indicar desejo de comer através do seu desassossego. <p><u>Número de refeições:</u></p> <ul style="list-style-type: none"> - Há nesta idade, três a cinco refeições diárias, ligando-se com freqüência as duas primeiras refeições da manhã. <p><u>Alimento à mamadeira:</u></p>

	<ul style="list-style-type: none"> - A alimentação à mamadeira requer, com frequência, que o bebê se ajuste ao bico de borracha. Quanto mais força ele chupar, mais o bico se achata, até que ele acabe por ser capaz de largar o bico e esperar que o ar o distenda de novo. Após a satisfação inicial o bebê pode largar e tornar a agarrar o bico repetidamente, em jeito de brincadeira e mesmo com um sorriso. <p><u>Alimentação com colher:</u></p> <ul style="list-style-type: none"> - A projeção da língua é ainda tão acentuada que o bebê engole muito pouco alimento, a não ser que o coloquem na parte de trás da língua. Muitos bebês, especialmente quando são amamentados recusam os alimentos sólidos, enquanto não chegam aos 5 ou 6 meses de idade. <p><u>Alimentação com xícara:</u></p> <ul style="list-style-type: none"> - A aproximação dos lábios da borda da xícara é ainda pouco adequada, podendo o bebê beber muito líquido. Apesar disso, o bebê gosta muitas vezes deste sistema para beber água ou sucos de fruta. <p>Como estimular:</p> <ul style="list-style-type: none"> - Oferecer alimentos em pastas batidos no liquidificador e peneirados (frutas e legumes). - Incentivar o bebê a beber na xícara;
ELIMINAÇÃO	<p><u>Intestino:</u></p> <ul style="list-style-type: none"> - O bebê tem uma ou duas dejeções diárias, embora falhe com frequência um dia. A ocorrência mais frequente é depois de uma refeição. Quando a dejeção não ocorre após a refeição, é natural que ocorra durante o período de vigília entre as 6 e as 10 horas da manhã.
BANHO E VESTIR	<p><u>Banho:</u></p> <ul style="list-style-type: none"> - Nesta idade, o bebê exprime o seu agrado pelo banho com pontapés e risadas. Não gosta que a banheira tenha uma grande altura de água e pode gostar de deitar de barriga para baixo enquanto lhe dão banho. <p>Como estimular:</p> <ul style="list-style-type: none"> - Cantar enquanto estiver dando banho ao bebê. Inventar canções que combinem com a atividade que está desenvolvendo. “Vamos lavar esse pezinho pequenininho?”; - Segure o bebê de barriga para baixo. <p><u>Vestir:</u></p> <ul style="list-style-type: none"> - Avise ao bebê a roupa que você está tirando e colocando nele. <p>Como estimular:</p> <ul style="list-style-type: none"> - Antes de vesti-lo, usar uma loção aquecida ou não nas mãos e fazer uma massagem completa no corpinho do bebê, ao mesmo tempo, converse com ele carinhosamente.
	<ul style="list-style-type: none"> - Os períodos que o bebê passa acordado agora são muito mais longos e ele preenche-os muitas vezes com atividades físicas, como por exemplo dar pontapés, rodar a cabeça para um lado e para outro, ou virar-se para um dos lados. - Já é capaz de agarrar os objetos e aprecia

<p style="text-align: center;">ATIVIDADE INDIVIDUAL</p>	<p>particularmente um brinquedo que alcance.</p> <ul style="list-style-type: none"> - Gosta de juntar as mãos e pode chupar o polegar ou os outros dedos antes e depois das refeições. - É agora muito falador, fazendo muitas vezes com prazer os seus exercícios vocais. - Balbuciar e chorar são atividades que podem seguir-se muito de perto uma a outra. <p>Como estimular:</p> <ul style="list-style-type: none"> - Erga-o nos braços, acaricie-o e estimule um contato com o olhar; - Chame-o pelo nome e sorria para ele; - Apóie um espelho na parede e sente o bebê de frente para ele.
<p style="text-align: center;">SOCIABILIDADE</p>	<ul style="list-style-type: none"> - Nesta idade há uma exigência maior de convívio social. Essa exigência pode aparecer relacionada com as refeições, muitas vezes antes de cada refeição, embora em algumas crianças se verifique durante a refeição ou depois dela. - O bebê gosta que o mudem do berço durante o seu período social. Gosta especialmente de estar no seu carrinho. - O bebê mostra um forte interesse pelo pai e por outras crianças. - As brincadeiras sociais com o pai podem decorrer com mais calma do que com a mãe porque o pai não está associado com o alimento. - Gosta que as pessoas lhe prestem atenção, falem com ele e cantem para ele. <p>Como estimular:</p> <ul style="list-style-type: none"> - Cante e converse com ele; - Pegue-o no colo; - Brinque com os pés e com as mãos dele; - Oferecer brinquedos coloridos e que façam barulho como o chocalho.

7 MESES (28 SEMANAS)	
COMPORTAMENTO	<ul style="list-style-type: none"> - Senta-se escorado, com o tronco ereto e a cabeça firme; - Sabe como agarrar um objeto que tem à vista; - Consegue segurar dois objetos, um em cada mão; - Está descobrindo o tamanho, a forma, o peso e a textura das coisas; - Já não se contenta em mexer nas próprias mãos; - Quer apalpar a roupa, experimentar a sensação que ela proporciona; - Começa a utilizar o polegar com mais perícia e a inclinar a mão antes de agarrar; - É mais perito com os olhos do que com as mãos; - Olha penetrantemente para qualquer objeto que não consegue agarrar; - É capaz de brincar sozinho durante curtos períodos de tempo; - É capaz de mastigar alimentos sólidos que antes podiam fazê-lo tossir ou engasgar; - Já não projeta a língua para fora com a inaptidão de antes; - O bebê de 7 meses apresenta uma mistura de versatilidade e incapacidade; - Vocaliza grande diversidade de vogais e consoantes;
SONO	<p><u>Adormecer:</u></p> <ul style="list-style-type: none"> - O bebê tem tendência para adormecer logo após a sua refeição; <p><u>Despertar:</u></p> <ul style="list-style-type: none"> - A maioria dorme a noite inteira de um só sono de onze a treze horas, acordando por volta das 6 da manhã ou mais tarde. Os bebês desta idade comportam-se bem meia hora ou mais, depois de acordarem e antes de exigirem uma refeição. <p><u>Adormecer e despertar:</u></p> <ul style="list-style-type: none"> - Não há dificuldades no adormecer e no acordar. O sono anda, em geral, estreitamente associado às refeições da manhã e da tarde. <p><u>Períodos:</u></p> <ul style="list-style-type: none"> - Há uma variedade bastante grande de esquemas de sesta. O bebê faz, em geral, três sonecas diárias.
ALIMENTAÇÃO	<p><u>Auto-regulação:</u></p> <ul style="list-style-type: none"> - A exigência individual registra-se principalmente em relação à primeira refeição da manhã. O momento em que a exigência é feita varia de acordo com a hora do despertar. Alguns bebês exigem esta refeição logo após acordarem, mas a maioria deles aguardam mais ou menos uma meia hora. As outras refeições são estabelecidas pela mãe. <p><u>Número de refeições:</u></p> <ul style="list-style-type: none"> - Três ou quatro por dia.

	<p><u>Duração:</u></p> <ul style="list-style-type: none"> - Oito a doze minutos por cada refeição. <p><u>Alimento ao peito ou à mamadeira:</u></p> <ul style="list-style-type: none"> - O bebê exprime vocalmente sua ânsia de alimento, quando vê o seio ou a mamadeira. Coloca as mãos no seio ou na mamadeira, assenhorando-se com facilidade do bico. Quando está saciado, o bebê procura erguer-se para a posição sentado. <p>Como estimular:</p> <ul style="list-style-type: none"> - Oferecer dois tipos diferentes de comida ao bebê e incentiva-lo a escolher o que deseja. Por exemplo: oferecer um pedaço de banana e maçã e perguntar qual ele quer. Reparar nos seus gestos ou olhar e lhe dar aquele que for escolhido. - Incentivar o bebê a beber na xícara; - Estimular o bebê a apontar para as coisas que deseja.
ELIMINAÇÃO	<p><u>Intestino:</u></p> <ul style="list-style-type: none"> - Uma dejeção por dia. <p><u>Bexiga:</u></p> <ul style="list-style-type: none"> - As micções são freqüentes, sendo que as meninas tem um intervalo mais longo, de uma a duas horas.
BANHO E VESTIR	<p><u>Banho:</u></p> <ul style="list-style-type: none"> - Dentro da banheira, o bebê bate na água vigorosamente, em geral com as mãos, mas por vezes com os pés. <p>Como estimular:</p> <ul style="list-style-type: none"> - Brinque com o bebê para que ele reconheça as partes do próprio corpo. Faça o jogo do “pegar os dedinhos do pé”. <p><u>Vestir:</u></p> <ul style="list-style-type: none"> - Nesta idade o bebê gosta que o dispam na hora do banho. <p>Como estimular:</p> <ul style="list-style-type: none"> - Chame a atenção do bebê para a calça que você está segurando para vesti-lo. Diga-lhe: “Vamos por a calça. Erguendo a perninha”.
ATIVIDADE INDIVIDUAL	<ul style="list-style-type: none"> - O bebê torna a gostar de estar deitado de costas. Arquia o dorso, esperneia, estende as pernas para cima, agarra os pés, leva-os à boca, tira os sapatos e as meias. Gosta de observar os movimentos das mãos. Leva menos vezes a mão à boca e o faz principalmente depois das refeições e antes de adormecer. - Gosta de brincar com papéis, com brinquedos de borracha macia e que façam barulho. - Faz exercícios vocais Sá para ele: gorgolejar, rosnar, e soltar gritos estridentes. - Sente-se mais feliz sozinho, durante os períodos de vigília, até a altura em que indica, através de sua agitação, o desejo de ter uma companhia. <p>Como estimular:</p> <ul style="list-style-type: none"> - Coloque um brinquedo colorido que produza ruído fora do alcance das mãos do bebê e estimule-o a pegá-

	<p>lo;</p> <ul style="list-style-type: none"> - Dê-lhe a oportunidade de manusear objetos de diversos tamanhos.
<p>SOCIABILIDADE</p>	<ul style="list-style-type: none"> - Depois que o adulto lhe der na mão o objeto desejado, ou de o ter posto, como ele queria, sentado, pode não se importar que o adulto vá embora e o deixe brincar sozinho até o momento de fazer a sua próxima exigência; - Começa a reagir a mais de uma pessoa na mesma ocasião e gosta de passar dos braços de uma pessoa para outra; - Diferencia as pessoas e é mais exigente com aquela que lhe dá o alimento; - É jovial com as pessoas que são conhecidas, mas pode ser tímido com os estranhos, especialmente em lugares que sejam novos para ele. <p>Como estimular:</p> <ul style="list-style-type: none"> - Cante para ele e faça caretas; - Incentive o bebê a responder ao chamado do próprio nome; - Faça brincadeiras de imitar (bata palmas, cante e estimule-o a fazer o mesmo).

10 MESES (40 SEMANAS)	
COMPORTAMENTO	<ul style="list-style-type: none"> - O bebê mantém-se sentado sozinho por tempo ilimitado; - Já engatinha; - Segura-se em móveis para ficar em pé; - Abaixa-se a partir da posição em pé; - Apresenta preensão dígito radial; - Aproxima a mão de um objeto com o indicador; - Quando balbucia repete os sons das outras pessoas; - Segura a mamadeira sozinho; - Já bebe no copo; - Come bolachas segurando com a mão; - Sorri frente sua imagem no espelho; - Pode mostrar timidez frente a um estranho;
SONO	<p><u>Adormecer:</u></p> <ul style="list-style-type: none"> - O bebê tem tendência para adormecer logo em seguida à última refeição. <p><u>Despertar:</u></p> <ul style="list-style-type: none"> - Muitos bebês dormem a noite inteira de um sono só, até entre as 5 e as 7 da manhã. <p><u>Adormecer e despertar:</u></p> <ul style="list-style-type: none"> - O bebê indica que tem necessidade de dormir, agitando-se, virando a cabeça para um lado, chupando o polegar ou um pedaço de tecido, movendo o quadril ou empurrando os pés, e, se o deitarem no berço, adormece depressa. <p><u>Períodos:</u></p> <ul style="list-style-type: none"> - Pode haver quatro períodos curtos de sesta – um em cada quatro período do dia. <p>Como estimular:</p> <ul style="list-style-type: none"> - Estabeleça um ritual com o bebê; - Faça a leitura de um livro infantil; - Cante uma canção de ninar ou faça uma leve massagem no corpinho do bebê [este contato lhe proporcionará uma sensação de segurança e confiança]
ALIMENTAÇÃO	<p><u>Auto-regulação:</u></p> <ul style="list-style-type: none"> - Se lhe dão mamadeira à primeira refeição da manhã, o bebê toma-a sozinho. É preciso, em geral, apoiar-lhe a mamadeira, embora no fim da refeição, o bebê a segure sozinho. - As outras refeições, o bebê exige que lhe segurem a mamadeira e toma-a muitas vezes com gosto, sentado, depois de ter ingerido o alimento sólido. - Aceita bem os alimentos sólidos, mas rejeita aqueles que lhe desagradam; <p><u>Número de refeições:</u></p> <ul style="list-style-type: none"> - Três refeições diárias e suco de fruta ao meio da tarde. <p><u>Duração:</u></p>

	<ul style="list-style-type: none"> - Três a quatro minutos para a mamadeira. Cinco a dez minutos para o alimento sólido. <p><u>Alimento ao peito ou à mamadeira:</u></p> <ul style="list-style-type: none"> - A sucção agora é mais enérgica e mais rápida e as mãos agora tem um papel mais importante em segurar a mamadeira. O bebê precisa ser ajudado no começo, enquanto a mamadeira está cheia, mas inclina-a com facilidade à medida que ela esvazia e é capaz de a segurar melhor, sempre que necessário. De modo geral, prefere que lhe segurem a mamadeira. <p><u>Alimentação com colher:</u></p> <ul style="list-style-type: none"> - O bebê exprime a sua expectativa ansiosa através de vocalizações, tais como “dá-dá” ou “na-nã”. Abre a boca quando lhe apresentam a colher e engole rapidamente, metendo, ao mesmo tempo, o lábio inferior para dentro. Os movimentos laterais de mastigação estão agora no seu início. O bebê pode querer agarrar o prato ou manifestar impaciência quando a mãe é vagarosa em dar-lhe o alimento. É preferível utilizar um prato inquebrável, que possa servir para brincar no fim da refeição. <p><u>Auto-ajuda:</u></p> <ul style="list-style-type: none"> - O bebê apanha com os dedos os pedacinhos de alimento que caíram na mesa e come-os. <p>Como estimular:</p> <ul style="list-style-type: none"> - Oferecer vários tipos de frutas; - Estimular o bebê a apontar para as coisas que deseja.
ELIMINAÇÃO	<p><u>Intestino:</u></p> <ul style="list-style-type: none"> - Uma ou duas evacuações diárias; <p><u>Bexiga:</u></p> <ul style="list-style-type: none"> - O bebê pode apresenta-se enxuto após uma soneca de uma hora. No meio da noite pode gritar para que lhe mudem a fralda.
BANHO E VESTIR	<ul style="list-style-type: none"> - O bebê exprime vigorosamente a sua expectativa ao ouvir correr a água para o banho. - Prefere em muitos casos que o deitem na banheira de barriga para baixo, rasteja melhor dentro da água do que no chão, ou balança-se para trás e para frente. <p>Como estimular:</p> <ul style="list-style-type: none"> - Balançar o bebê para frente e para trás de barriga para baixo na hora do banho; - Descrever a ação do momento de trocar fraldas. Por exemplo: enquanto você o leva até o local onde costuma trocar as fraldas, anuncie em voz alegre: “Está na hora de trocar a fralda do nenê!”
ATIVIDADE INDIVIDUAL	<ul style="list-style-type: none"> - O bebê já pôs de lado os grunhidos. Agora diz “cama”, “nana”, “gaga” e “dada”. Gosta de fazer ruídos com os lábios, de vocalizar num tom muito agudo e de experimentar uma mesma palavra, tal como “dada”, em tons variados. Muitas vezes para de repente e ri dos sons que ele próprio produz. - Leva coisas à boca e entretém-se a morde-las. - Agarra uma das mãos com a outra ou acena com ambas; - Apanha um brinquedo que deixou cair. Dá pontapés,

	<p>passa da posição de sentado à de rastejar, pode elevar e baixar o corpo nessa posição.</p> <ul style="list-style-type: none"> - Começa a deslocar-se. <p>Como estimular:</p> <ul style="list-style-type: none"> - Oferecer brinquedos de encaixe, pois os bebês ficam entretidos colocando objetos um dentro do outro; - Fazer túneis pequenos para que possa passar dentro, dão-lhe noções de espaço e as possibilidades de seu corpo; - Oferecer revistas para olhar as figuras ou rasgar; - Oferecer objetos variados com abertura ampla para que possa colocar a mão dentro [ajuda o bebê a perceber e ampliar a noção de espaço]
SOCIABILIDADE	<ul style="list-style-type: none"> - O bebê manifesta-se vocalmente quando deseja que lhe mudem os brinquedos ou que lhe façam companhia. - As atividades sociais que ele aprecia são as de esconder (cobrir e descobrir alternadamente o rosto, dizendo u-u!; - Brincar com os lábios (dar palmadinhas nos lábios, emitindo ao mesmo tempo um som que assim se torna intermitente); - Dar uns passinhos e segura-lo pelas duas mãos; - Colocarem-no de barriga para baixo no chão; - Colocarem-no num brinquedo que balance. <p>Como estimular:</p> <ul style="list-style-type: none"> - Estimule-o a imitar suas ações como: brincar com os lábios emitindo um som; - Sentar o bebê em seu colo, cantar uma canção e brincar de cavalinho; - Faça brincadeiras de imitar (bata palmas, cante e estimule-o a fazer o mesmo).

1 ANO (52 SEMANAS)	
COMPORTAMENTO	<ul style="list-style-type: none"> - Anda quando lhe seguram uma das mãos; - Quando está em pé pode agachar-se para recolher um objeto; - A criança gosta de por e tirar (por ex. colocar bolinhas dentro de um recipiente); - Adquire o relaxamento fino e preciso. Gosta de tirar os objetos um a um; - Diz duas palavras além de “mama” e “papa”. - Oferece bola a imagem no espelho; - Coopera no vestir-se. - Apanha os pedacinhos de comida da mesa, mastiga-os e engole-os, derramando muito menos comida da boca. - A criança de 1 ano gosta de ter um auditório.
SONO	<p><u>Adormecer:</u></p> <ul style="list-style-type: none"> - O bebê de 1 ano geralmente dorme entre as 6 e as 8 horas da noite. Alguns associam ainda o sono após a refeição. <p><u>Despertar:</u></p> <ul style="list-style-type: none"> - A maior parte dos bebês dorme de um sono só, até entre as 6 e as 8 horas da manhã. <p><u>Adormecer e despertar:</u></p> <ul style="list-style-type: none"> - Quando a sesta se segue a um banho matinal ou a uma refeição cedo, o bebê aceita-a com facilidade e adormece rapidamente, mas, se o desejo de dormir ocorre em meio a um período matinal de brincadeira, o bebê manifesta-o pela inquietação ou puxando as orelhas, e depois de o deitarem, adormece depressa.
ALIMENTAÇÃO	<p><u>Auto-regulação:</u></p> <ul style="list-style-type: none"> - As exigências motoras violentas podem ser ainda tão fortes que talvez seja melhor dar a refeição ao bebê com ele em pé na cadeira alta. Pode ficar sentado se lhe derem algum brinquedo ou, dois brinquedos que se conjuguem com facilidade, para lhe absorver a atenção. - A preferência por determinados alimentos torna-se razoavelmente bem definida. <p><u>Número de refeições:</u></p> <ul style="list-style-type: none"> - Três refeições diárias. <p><u>Alimentação com colher:</u></p> <ul style="list-style-type: none"> - Gosta de comer com os dedos e pode tirar o alimento da boca para olhar para ele e coloca-lo novamente a boca outra vez. - Pode esfregar a comida na mesa. <p>Como estimular:</p> <ul style="list-style-type: none"> - Dê ao bebê uma xícara com um pouco de leite. Quando você lhe der a xícara diga-lhe: “Olha aqui o leitinho. Hum, que leitinho gostoso!”
	<u>Intestino:</u>

ELIMINAÇÃO	<ul style="list-style-type: none"> - Uma a duas dejeções por dia. <p><u>Bexiga:</u></p> <ul style="list-style-type: none"> - É mais freqüente agora o bebê manter-se enxuto após a sesta e, quando acorda de noite ou de manhã cedo, se o puserem no vaso logo cedo. Começa a ser uma regra os bebês mostrarem-se irrequietos para que lhe mudem a fralda, embora alguns demorem mais a ter essa reação.
BANHO E VESTIR	<p><u>Banho:</u></p> <ul style="list-style-type: none"> - O banho continua a ser ainda uma parte favorita da rotina diária. Pode ser dado a qualquer hora do dia que se adapte melhor ao programa do berçário. - Nesta idade a maioria dos bebês preferem tomar banho sentados na banheira e já não se mostram absorvidos nas brincadeiras com a água ou na sua própria atividade motora. Estão agora interessados na esponja de banho, no sabão e nos brinquedos flutuantes. Agarram e largam esses objetos dentro da banheira ou põem-nos para fora desta. <p>Como estimular:</p> <ul style="list-style-type: none"> - Deixar a criança brincar com a esponja, sabonete; <p><u>Vestir:</u></p> <ul style="list-style-type: none"> - Cooperar agora na operação de vestir, enfiando o braço numa manga ou estendendo as pernas para que lhe vistam as calças. <p>Como estimular:</p> <ul style="list-style-type: none"> - Diga-lhe as palavras que descrevem o momento de trocar as fraldas. Anuncie numa voz alegre: “está na hora de trocar a fralda. Vamos trocar a fralda do nenê?”, num tom de voz na forma de cantiga.
ATIVIDADE INDIVIDUAL	<ul style="list-style-type: none"> - Nesta idade o bebê tem uma grande atividade motora, ergue-se na posição em pé, desloca-se de um lado para outro, mantêm-se de pé sem apoio e engatinha. As atividades que mais aprecia são as grandes atividades motoras. - Gosta de por objetos dentro de outros objetos e tirá-los de lá. <p>Como estimular:</p> <ul style="list-style-type: none"> - Se o bebê quiser experimentar a sensação de subir escadas, aproveite a ocasião para lhe mostrar como se desce uma escada engatinhando de costas; - Construa torres com blocos e derrube-as, incentive o bebê a fazer o mesmo. - Dê a ele uma porção de papéis variados para que ele possa explorar (revistas, gibis, livros).

<p style="text-align: center;">SOCIABILIDADE</p>	<ul style="list-style-type: none">- Nesta fase a sociabilidade do bebê está no auge. Apresenta uma sociabilidade de mútuas concessões e as oportunidades sociais tendem a surgir espontaneamente, sem serem planejadas.- Gosta de caminhar seguro pelas duas mãos e adora a brincadeira de o perseguirem quando engatinha.- Gosta de brincar de se esconder.- Diz “eh” ou “ta” quando dá um objeto a um adulto, mas espera que lhe seja restituído imediatamente depois.- Atira as coisas dele no chão, na expectativa de que as devolva.- Chora ou grita quando lhe tiram as coisas. <p>Como estimular:</p> <ul style="list-style-type: none">- Com a criança sentada no colo, cantar uma canção e brincar de cavalinho (estimula a comunicação social);- Estimular o bebê a imitar as suas ações como: dar batidas com as mãos em uma mesa, estender os bracinhos, fazer gestos com as mãos;- Fazer a “leitura com o bebê”, sentar-se com o bebê e olhar os livros para nomear e descrever suas gravuras.
---	---

1 ANO E 3 MESES (15 MESES)	
COMPORTAMENTO	<ul style="list-style-type: none"> - Deixa de engatinhar e o substitui pelo andar; - Sobe escadas engatinhando; - Sabe folhear as páginas de um livro com ilustrações, entretanto passa várias páginas de uma vez; - Acaricia imagens no livro; - A criança pode reproduzir um traço feito por um adulto; - Sustenta a colher, porém a coloca ao contrário na boca; - Ajoelha-se e pode por-se de pé sem ajuda; - A criança gosta de: receber, lançar e empurrar; - Lança uma bola, mas deixa-a cair freqüentemente; - Aperfeiçoamento do relaxamento fino; - A criança pode introduzir “pequenas bolas” em uma garrafa; - Sabe fazer uma torre com dois cubos; - Pronuncia 4 ou 5 palavras; - Entende frases curtas e simples que lhe são familiares; - Gosta de brincar com areia e água, enchendo e esvaziando um recipiente; - Tenta imitar os gestos e os sons da fala dos adultos.
SONO	<p><u>Adormecer:</u></p> <ul style="list-style-type: none"> - A hora de deitar é entre as 6 e as 8 horas da noite e segue-se num estilo regular e ordenado quando acostumado. <p><u>Despertar:</u></p> <ul style="list-style-type: none"> - Acordar de noite é uma questão individual e mais nas crianças ativas. O despertar de manhã ocorre entre as 6 e as 8 horas. <p><u>Sesta:</u></p> <ul style="list-style-type: none"> - A sesta segue-se, em geral, ao almoço do meio-dia.
ALIMENTAÇÃO	<p><u>Auto-regulação:</u></p> <ul style="list-style-type: none"> - A criança domina agora melhor a sua energia motora. É capaz de ficar sentada ao longo de uma refeição completa e quer, geralmente, comer pela sua mão. - Uma exigência ainda mais comum é a de segurar numa colher e mergulhá-la no alimento que tem no prato. <p><u>Número de refeições:</u></p> <ul style="list-style-type: none"> - O mesmo que 1 ano de idade. <p><u>Alimentação com colher:</u></p> <ul style="list-style-type: none"> - Nesta idade, a grande maioria das crianças insiste em ter uma participação ativa, em maior ou menor grau, nas suas refeições e quer ensaiar no manejo da colher. <p><u>Alimentação com xícara:</u></p> <ul style="list-style-type: none"> - A criança gosta de manusear agora a xícara sozinha, segurando-a mais com o polegar e o indicador ou com a ponta dos dedos. <p>Como estimular:</p> <ul style="list-style-type: none"> - Oferecer uma colher reserva ao bebê e o deixar

	<p>brincar enquanto você lhe serve a comida na colher;</p> <ul style="list-style-type: none"> - Oferecer pedaços de alimento ao bebê e estimule-o a pedir mais quando quiser.
ELIMINAÇÃO	<p><u>Intestino:</u></p> <ul style="list-style-type: none"> - Uma a duas dejeções por dia. <p><u>Bexiga:</u></p> <ul style="list-style-type: none"> - A criança pode manter-se enxuta após a sesta. Nesta idade a criança parece estar mais consciente de ter as fraldas molhadas do que antes.
BANHO E VESTIR	<p><u>Banho:</u></p> <ul style="list-style-type: none"> - A criança continua querer pegar o sabonete e a esponja. Muitas vezes chupa a água da esponja ou coloca-a em cima da cabeça. - Para brincar na água prefere recipientes tais como bacias ou regadores. Pode protestar quando a tiram da banheira, mas em geral aquieta-se se lhe derem um brinquedo qualquer. <p>Como estimular:</p> <ul style="list-style-type: none"> - Abrir a torneira da banheira em uma temperatura mais fria e deixar o bebê colocar a mão, depois colocar uma temperatura um pouco mais quente e estimulá-lo a colocar a mão, para que ele perceba a diferença. - Pense em outras palavras descritivas para usar na hora do banho (molhado, seco, macio, morno, etc). <p><u>Vestir:</u></p> <ul style="list-style-type: none"> - Nesta idade, vestir a criança pode ser muito difícil. A atenção da criança está geralmente presa a outras coisas. O adulto precisa segurar a criança para vestir as roupas. <p>Como estimular:</p> <ul style="list-style-type: none"> - Deixar as roupas do bebê a uma altura que ele possa alcançar e estimulá-lo a pegar as suas roupinhas: “Está na hora de trocar a roupa. Onde está a camisa do nenê?”
ATIVIDADE INDIVIDUAL	<ul style="list-style-type: none"> - A criança não é capaz de ficar muito tempo em seguida no mesmo lugar e gosta que a mudem de lugar. As suas exigências aumentam à medida que o dia vai passando. - Ao acordar não exige brinquedos, mas entretém-se com prazer e exercitar a sua atividade motora. <p>Como estimular:</p> <ul style="list-style-type: none"> - Coloque um recipiente em frente ao bebê e vários objetos menores ao lado para que ele possa colocar e tirar de dentro do recipiente.

SOCIABILIDADE	<ul style="list-style-type: none">- O período de timidez que se registra no primeiro ano de vida normalmente já passou, e a criança de 15 meses está ansiosa por sair para o mundo no seu carrinho ou ao lado dele.- Alguns ainda se sentam ou se põe de pé no carrinho e gostam dos ruídos externos.- A criança de 15 meses quer estar livre para se dedicar aos seus assuntos particulares, como passear, baixar-se para apanhar pauzinhos, dobrar-se para frente para espiar por entre as pernas, trazer coisas que encontrou a seu acompanhante e exercitar o vocabulário que dispõe.- Gosta de imitar as outras pessoas. <p>Como estimular:</p> <ul style="list-style-type: none">- Cante uma música animada e faça uma coreografia com os braços e mãos e estimule o bebê a imita-la.
----------------------	---

1 ANO E MEIO (18 MESES)	
COMPORTAMENTO	<ul style="list-style-type: none"> - Anda sozinho, raramente cai; - Sobe e desce escada se lhe seguram uma das mãos; - Agacha-se para pegar um objeto; - Pode puxar um objeto enquanto anda; - Corre com braços e pernas separados e cai freqüentemente; - Senta-se numa cadeira pequena; - Pode chutar a bola sem cair; - Sabe fazer torre de dois cubos; - Enche um recipiente de cubos; - Imita um risco; - Gosta de livros de gravuras, identifica as gravuras e vira as páginas; - Entende sentenças curtas e simples; - Usa expressões de saudação como “oi” e “tchau” - Repete palavras pronunciadas por adultos; - Entende um nº muito maior de palavras do que é capaz de dizer; - Reconhece e aponta para diversas partes do corpo; - Mostra expressões faciais variadas de emoção (raiva, medo, afeto, alegria, ansiedade).
SONO	<p><u>Adormecer:</u></p> <ul style="list-style-type: none"> - A hora de dormir continua entre as 6 e as 8 da noite. A criança desta idade gosta de levar com ela para a cama alguns de seus brinquedos. <p><u>Sesta:</u></p> <ul style="list-style-type: none"> - Tal como aos 15 meses a sesta segue-se após o almoço. <p>Como estimular:</p> <ul style="list-style-type: none"> - Procure lembrar o bebê com antecedência de uns 10 a 15 minutos, que logo vai chegar a hora de dormir. Faça dessa transição uma hora de calma, lendo um livro ou contando uma história.
ALIMENTAÇÃO	<p><u>Apetite</u></p> <ul style="list-style-type: none"> - O apetite pode estar diminuindo e é geralmente menor do que era antes. A refeição do meio-dia é aquela em que a criança come melhor. Aceita melhor o leite dado pela mamadeira do que pela xícara. <p><u>Alimentação com colher:</u></p> <ul style="list-style-type: none"> - A criança pega na colher com a palma da mão virada para baixo. <p><u>Alimentação com xícara:</u></p> <ul style="list-style-type: none"> - A criança agarra a xícara com as duas mãos, segurando-a e inclinando-a com firmeza. <p><u>Auto-ajuda:</u></p> <ul style="list-style-type: none"> - A maioria das crianças gostam de comer pelas próprias mãos e podem fazer assim em todas as refeições. <p>Como estimular:</p> <ul style="list-style-type: none"> - Na hora das refeições pode-se dar ao bebê a

	oportunidade de escolher o que quer comer ou beber e reforçar a tentativa dele de tentar manifestar o desejo através das palavras.
ELIMINAÇÃO	<p><u>Intestino:</u></p> <ul style="list-style-type: none"> - Nesta idade ocorre uma grande variação de alturas e contextos para a dejeção, mas cada criança segue com relativa persistência o seu próprio esquema. - A criança está começando a pedir para ir ao vaso, por meio de uma palavra, ou a mãe pode prever pela sua anormal inquietação. <p><u>Bexiga:</u></p> <ul style="list-style-type: none"> - A maior parte das crianças não se importam que as coloquem no vaso, desde que não as coloquem lá vezes demais. Certas crianças tomam a iniciativa para que as coloquem no vaso.
BANHO E VESTIR	<p><u>Banho:</u></p> <ul style="list-style-type: none"> - Tal como aos 15 meses, o banho geralmente é dado depois do jantar. - Ocasionalmente pode haver períodos curtos de resistência ao banho, cuja causa é difícil de determinar. <p>Como estimular:</p> <ul style="list-style-type: none"> - Oferecer ao bebê brinquedos que são utilizados no banho e descrever as ações que ele vai praticando. Ação: espremer a esponja (palavras: “apertar a esponja”; “a esponja está cheia de água”; “vamos espremer a água da esponja?”) <p><u>Vestir:</u></p> <ul style="list-style-type: none"> - A criança desta idade começa a mostrar interesse pela operação de a vestirem e de modo geral, revela-se bastante cooperadora. <p>Como estimular:</p> <ul style="list-style-type: none"> - Todos os dias, ao vestir o nenê, peça-lhe que apanhe os sapatos e os traga até você. Agindo dessa maneira você estará dando maior independência e uma parcela de responsabilidade.
ATIVIDADE INDIVIDUAL	<ul style="list-style-type: none"> - A criança desta idade é essencialmente egocêntrica. A maioria de suas reações relacionam-se com ela mesma e com suas próprias atividades. - O seu humor tem iniciativa própria e está relacionado em grande parte com o seu eu. - Nesta idade a criança ignora quase por completo as outras crianças. - Defende e fortalece o sentimento do eu, opondo-se aos outros. A sua palavra favorita é “não”. - As suas principais atividades são motoras. <p>Como estimular:</p> <ul style="list-style-type: none"> - Oferecer folha e lápis para a criança rabiscar; - Oferecer bexiga para a criança brincar e correr atrás delas.

<p style="text-align: center;">SOCIABILIDADE</p>	<ul style="list-style-type: none">- É nesta idade que a criança “mete o nariz em tudo” e, logo que tem liberdade de andar pela casa toda, nunca permanece muito tempo no mesmo lugar. Começa a saber onde as coisas estão guardadas, gosta de ir buscar coisas e gosta de pôr as coisas nos lugares próprios.- Gosta de andar a pé e de fazer explorações. Enfia-se por todos os caminhos que encontra e sobe em todos os degraus que lhe aparecem adiante. Corre também para o meio da rua. Não deixa que lhe toquem nem que a levem pelo braço.- <p>Como estimular:</p> <ul style="list-style-type: none">- Brinque com a criança de rolar pelo chão e acrescente palavras as atividades que vão desenvolvendo.- Outras atividades: ficar nas pontas dos pés; fazer de conta que está escalando uma montanha; agachar-se e levantar; correr.
---	--

2 ANOS (24 MESES)	
COMPORTAMENTO	<ul style="list-style-type: none"> - A criança sobe e desce escadas sozinha; - Salta sobre seus pés ou dança; - A criança sobe em cadeiras, mesas, etc; - Sabe lavar e secar o rosto sozinha; - Come sozinha sem sujar-se; - Folheia página por página de um livro; - Sabe fazer rabiscos; - Constrói torres com seis ou sete cubos; - Responde a pergunta “como é o seu nome?” com o primeiro correto; - Emprega não com recusa; - Depende menos dos gestos e mais de palavras para se comunicar.
SONO	<p><u>Adormecer:</u></p> <ul style="list-style-type: none"> - A hora de adormecer depende da hora em que a criança é lavada para a cama, mas em geral é antes das 8 ou 9 horas. Pode acontecer de a criança chamar a mãe para lhe fazer diversos pedidos antes de dormir. - Para algumas crianças que apresentem dificuldades para dormir devido a ansiedade seria interessante deixar a porta do quarto aberta ou uma luz acesa no corredor. <p><u>Sesta:</u></p> <ul style="list-style-type: none"> - Algumas crianças ficam mais bem dispostas se as deixarem acordar por si, mas uma sesta excessivamente longa atrasa o sono da noite e, por isso, algumas crianças precisam ser acordadas. <p>Como estimular:</p> <ul style="list-style-type: none"> - Ler histórias para a criança ou cantar uma canção de ninar.
ALIMENTAÇÃO	<p><u>Apetite</u></p> <ul style="list-style-type: none"> - Razoável a moderadamente bom. <p><u>Refeições e preferências:</u></p> <ul style="list-style-type: none"> - É nesta idade que se costuma dizer que a criança é “birrenta” ou “esquisita”. Nesta idade ela já é capaz de dizer os nomes dos alimentos e tem uma idéia mais definida do que gosta. As preferências podem estar relacionadas com o gosto, a forma, a consistência e até com a cor dos alimentos. <p><u>Alimentação com colher:</u></p> <ul style="list-style-type: none"> - A criança manifesta um menor interesse na colher e no prato com objetos de brincadeira. Segura mais a colher entre o polegar e o indicador e numa posição deitada. <p><u>Alimentação com xícara:</u></p> <ul style="list-style-type: none"> - A criança pode segurar agora a xícara ou o copo com uma das mãos, conservando a mão livre em posição de poder ajudar, se for necessário. <p><u>Auto-ajuda:</u></p> <ul style="list-style-type: none"> - Algumas crianças são capazes de comer pela sua mão

	<p>uma refeição completa e não aceitam qualquer ajuda. Há no entanto, algumas que comem melhor quando lhes é dada uma parte da comida.</p> <p>Como estimular:</p> <ul style="list-style-type: none"> - Estimule a criança a pedir o que deseja; - Estimule a criança a limpar a boquinha e as mãos.
ELIMINAÇÃO	<p><u>Intestino:</u></p> <ul style="list-style-type: none"> - Os “descuidos” são mais raros, embora surjam periodicamente, em geral depois das refeições. A criança distingue verbalmente as funções do intestino e da bexiga. <p><u>Bexiga:</u></p> <ul style="list-style-type: none"> - Ocorrem menos “descuidos” diurnos, embora ainda possam ocorrer periodicamente. O período de retenção da criança é agora razoavelmente longo (hora e meia a duas horas) e ela própria pede com frequência para ir ao vaso.
BANHO E VESTIR	<p><u>Banho:</u></p> <ul style="list-style-type: none"> - A criança fica agora mais interessada em ajudar a lavar-se e pode preferir a esponja aos brinquedos do banho. - Interessa-se principalmente por lavar as mãos e enxuga-las, embora não faça muito bem nenhuma das duas. <p>Como estimular:</p> <ul style="list-style-type: none"> - Aproveite a hora do banho e ensine a criança a diferença entre objetos que flutuam e que afundam. <p><u>Vestir:</u></p> <ul style="list-style-type: none"> - A criança desta idade é capaz de tirar o sapato, assim com as meias e as calças. Tenta vestir sozinha uma parte da roupa. Quando estão vestindo, coopera e ajuda eficazmente. <p>Como estimular:</p> <ul style="list-style-type: none"> - Na hora de trocar o bebê pense em várias maneiras diferentes para dizer a palavra “tirar” e “por”, referindo-se a peças de roupas.
ATIVIDADE INDIVIDUAL	<ul style="list-style-type: none"> - É agora mais sossegada para brincar e tem maior persistência naquilo que está fazendo. - Nesta idade a criança adora coisas que se movam ou que girem, como carrinhos e rodas. - Agora põe os blocos em linha, e gosta daqueles que se prendem uns aos outros ou que se encaixem. - A criança gosta de coisas pequeninas como pedrinhas, bolinhas, livros pequenos, etc. - Nas atividades domésticas, dá de comer a boneca, coloca-a na cama e a leva para passear no carrinho de boneca. - Gosta muito de brincar com areia e água. <p>Como estimular:</p> <ul style="list-style-type: none"> - Encher uma vasilha com água e colocar um canudinho e ensinar o bebê a assoprar para criar bolhas (durante o ato de assoprar, o nenê estará estimulando o ato de falar).

<p style="text-align: center;">SOCIABILIDADE</p>	<ul style="list-style-type: none">- Nesta idade os passeios são mais calmos. A criança gosta de pegar na mão do adulto que a acompanha. Pode parar para apanhar pauzinhos ou pedrinhas, mas não se detém por muito tempo.- O seu melhor período para brincar é à tarde.- Reage com agrado as melodias infantis, e qualquer livro com figuras em relevo.- A criança dança ao som da música, corre, anda em círculos e começa a dar saltos.- Adora estar com outras crianças e brinca bem com crianças mais velhas. <p>Como estimular:</p> <ul style="list-style-type: none">- Colocar musicas infantis para a criança dançar;- Oferecer blocos coloridos a para o bebê brincar para estimular o senso de invenção da criança;- Oferecer bonecas e acessórios para que a criança brinque de casinha com outras crianças;- Dê a oportunidade do bebê brincar com crianças mais velhas.
---	---

QUESTIONÁRIO PARA MÃES SOCIAIS I

Pré/Pós-avaliação

NOME: _____

DATA: ____/____/____

Marque com um X a idade esperada do bebê de acordo com os comportamentos:

Comportamento	1 mês	4 meses	7 meses	10 meses
Predomínio da posição lateral da cabeça				
Puxado para sentar apresenta queda da cabeça para trás				
Sentado apresenta queda da cabeça para frente				
Olha para um objeto somente se está na sua frente				
Exprime seus desejos através do choro e da linguagem de sinais				
Apresenta-se com os braços e pernas fletidos				
De bruços levanta a cabeça e o tórax				
Sentado com apoio a cabeça mantém-se firme				
Brinca com o próprio som				
Une as mãos na linha média do corpo				
Sorri quando alguém lhe faz um agrado				

Comportamento	1 mês	4 meses	7 meses	10 meses
Coloca os brinquedos na boca				
Senta-se momentaneamente apoiado nas mãos				
Segura dois cubos ou objetos pequenos, um em cada mão				
Brinca com a própria imagem no espelho				
Leva os pés à boca				
Consegue comer sólidos com maior facilidade				
Segurado pelo tronco na posição de pé, sustenta grande parte do peso				
O bebê começa a engatinhar				
Solta voluntariamente os objetos que segura				
Come bolacha e torrada sozinho				
Dá “até logo” com as mãos				
Bate palmas				
Diz “papá” e “mama”				

QUESTIONÁRIO PARA MÃES SOCIAIS II

Pré/Pós-avaliação

NOME: _____

DATA: ____ / ____ / ____

Marque com um X a idade esperada do bebê de acordo com os comportamentos:

	Comportamento	1 ano	1 ano e 3 meses	1 ano e meio	2 anos
1	Anda se lhe seguram uma das mãos				
2	Gosta de por e tirar objetos dentro de recipientes				
3	Diz duas palavras além de “mama” e “papa”				
4	Gosta de comer com os dedos				
5	Dá um objeto a um adulto mas espera que o devolvam imediatamente				
6	Oferece bola à imagem no espelho				
7	A criança anda sozinha				
8	Sobe escadas engatinhando				
9	Folheia as páginas de um livro, porém passa várias páginas de uma vez				
10	Lança uma bola mas deixa cair frequentemente				
11	Constrói torre com dois cubos				

	Comportamento	1 ano	1 ano e 3 meses	1 ano e meio	2 anos
12	Pronuncia 4 ou 5 palavras				
13	Anda sozinho e raramente cai				
14	Sobe e desce escadas se lhe seguram uma das mãos				
15	Chuta a bola sem cair				
16	Entende sentenças curtas e simples				
17	Repete palavras pronunciadas por adultos				
18	Sobe e desce escadas sozinha				
19	Salta sobre seus pés ou dança				
20	Sabe lavar-se e secar o rosto sozinha				
21	Folheia página por página de um livro				
22	Come sozinha sem sujar-se				
23	Responde a pergunta “como é o seu nome?”				